



# **Caminhos de Igualdade**

Homens e Mulheres caminham lado a lado  
por uma sociedade mais justa, solidária e paritária!

## **Ficha Técnica**

Título

**Caminhos de Iguadade**

Conceção e redação

**Cláudia Múrias e Sara Freire**

Revisão

**Ana Paula Dias**

Equipa do projeto

**Ana Paula Dias, Cláudia Múrias, Hugo Fernandes, Hugo Rodrigues,  
Rubina Jassat, Sara Freire**

Execução gráfica

**Publito, Artes Gráficas - Braga**

ISBN

**978-989-20-4616-7**

Depósito legal

**372693/14**

Tiragem

**250 exemplares**

**1.ª Edição**

Edição

**Associação Juvenil de Deão - AJD**

**Caminho da Igreja, n.º 459**

**4905-254 Deão**

**Viana do Castelo**

**assocjuvenildeaogmail.com**

**assocjuvenildeaoblogspot.com**

**Janeiro, 2014**

# Índice

Prefácio .....	5
<b>Caminhos de Igualdade .....</b>	<b>9</b>
<b>O papel do associativismo na construção da Igualdade .....</b>	<b>15</b>
- Diagnóstico Organizacional .....	15
- Plano de melhoria/Criação de um Conselho Interassociativo para a Igualdade .....	20
<b>Experiências de conciliação: conversas em meio rural .....</b>	<b>23</b>
- Grupos de discussão focalizada .....	24
<b>Desenvolvendo competências de participação .....</b>	<b>31</b>
- Oficinas do Poder .....	32
- Workshops para mulheres “Eu sou uma cidadã” .....	38
- Workshops para homens “Eu faço tarefas domésticas” .....	45
<b>Histórias de mulheres: valorizando o saber narrativo .....</b>	<b>53</b>
- Serões Intergeracionais .....	53
<b>Sensibilizando a comunidade local para a Igualdade de Género .....</b>	<b>63</b>
- Campanha de sensibilização .....	63
<b>Avaliando .....</b>	<b>75</b>



# Prefácio

---

## Despertar para o caminho

Cumpre-me, enquanto presidente da direção da Associação Juvenil de Deão – AJD, escrever o prefácio desta publicação.

A igualdade de género foi uma temática que surgiu no seio da AJD, de modo mais formal, pela mão da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local – ANIMAR. Sendo nós parte integrante desta rede, no ano de 2008, foi-nos lançado o desafio de participarmos no *Projeto “Igualdade de Género como Exercício de Cidadania”*. Por ser nossa convicção que ainda havia muito a fazer, no que referia à igualdade de género na nossa região de intervenção, prontamente agarrámos este desafio.

Porém, quando demos início às atividades daquele projeto, nomeadamente, o Diagnóstico Organizacional na AJD, começaram a surgir algumas contrariedades. Se estávamos convictos/as que muito havia ainda a fazer quanto à temática na nossa região de intervenção, também era igualmente forte a convicção de que, no seio da AJD, a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres era plena. Esta certeza decorria, pelo menos em grande parte, de termos, desde a fundação, tanto homens como mulheres em cargos de chefia. Assim, quando nos foi apresentado um questionário-diagnóstico para a nossa organização considerámos que era desnecessário. Por outro lado, o diagnóstico estava mais voltado para organizações com dimensões maiores do que a nossa, como por exemplo, com trabalhadores/as assalariados/as, enquanto na AJD só existia trabalho voluntário; com um horário de funcionamento diário e rígido, enquanto na AJD o horário de trabalho era completamente atípico, cruzando as necessidades da organização com o tempo disponível dos/as voluntários/as. Não obstante, conseguimos responder ao questionário-diagnóstico e, mais

importante, perceber que na AJD, embora já houvesse preocupações com a igualdade de oportunidades, havia ainda um caminho a percorrer no que diz respeito ao género.

O projeto da ANIMAR desenvolveu-se e a nossa participação foi sempre muito forte, em todas as atividades, o que nos permitiu apropriarmo-nos cada vez mais do que é a igualdade de género e, como tal, de perceber cada vez mais e melhor que ainda havia que fazer na AJD e muito mais na nossa região. Desde logo, um dos resultados mais visíveis na nossa associação foi, no ano de término do projeto, 2010, a elaboração de um Plano de Melhoria para a Igualdade de Género, a nomeação de uma Conselheira para a Igualdade, Ana Paula Dias, e a alteração nos estatutos da AJD, que passaram a integrar no objeto social o princípio da igualdade entre homens e mulheres. E ainda, a intenção de, em 2011, candidatarmo-nos a um projeto, sobre a temática, a desenvolver em freguesias rurais do concelho de Viana do Castelo.

Então, uma pequena equipa, constituída pela Ana Paula Dias e pela Sara Freire, dá forma ao Projeto **Caminhos de Igualdade**. Este Projeto foi construído com o intuito de integrar a perspetiva da igualdade de género, na área geográfica da Comissão Social Interfreguesias (CSIF) do Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima. Para tal, pretendia-se promover nas associações a incorporação do princípio da igualdade de género, implementar estratégias de intervenção integradas no território, com o intuito de desenvolver a participação das mulheres na esfera pública e dos homens na esfera privada, perceber se as gerações mais novas são alvo dos mesmos estereótipos que as mais velhas.

## O Caminho

Ficou já bem clara, a importância que a ANIMAR teve no nascimento deste Projeto, posso dizer que a semente deste Projeto veio da ANIMAR. Porém, seria uma grande injustiça, se o meu reconhecido agradecimento não lembrasse outras organizações, instituições e pessoas que nos acompanharam em diferentes momentos do Projeto.

Às associações, Aldeia Global – Associação de Desenvolvimento Local, Associação Cultural e Recreativa de Deocriste, Associação Desportiva e Cultural de Santa Maria de Geraz do Lima, Associação Cultural e Desportiva de

Subportela, Associação para o Desenvolvimento de Santa Leocádia e ADERE – Associação para o Desenvolvimento dos Recursos Endógenos de Vila Franca; que aceitaram o desafio de serem parceiras no nosso Projeto, porque disseram sim quando foram chamadas a participar e por toda a colaboração prestada no desenvolvimento do Projeto. Não tenho dúvidas que um Projeto como este não é fácil de ser apropriado por quem ainda não está sensibilizado/a para a temática. Assim, foram muitas as vezes em que sentimos os/as parceiros/as a pensar “e agora como vamos mobilizar gente para participar nisto?”. Contudo, em maior ou menor grau, conseguiram-no e, a dada altura, uma associação parceira já falava nas intenções de desenvolver um projeto sobre igualdade de género.

À equipa técnica do Projeto, Ana Paula Dias como Coordenadora/Gestora de Projeto, Sara Freire como Técnica de Projeto e Cláudia Múrias como Consultora, estas mulheres foram a coluna vertebral deste Projeto, sustentando-o ao longo dos cerca de 2 anos em que decorreu. Agradeço especialmente às duas pessoas que deram forma a este Projeto, Ana Paula Dias e Sara Freire, pela tenacidade que lhes permitiu ultrapassar todos os obstáculos que surgiram durante a elaboração da candidatura, pela meticulosidade com que a conseguiram elaborar e sobretudo pela sua crença convicta neste Projeto. Quanto à Ana Paula Dias, destaco ainda o seu papel no que refere ao difícil e penoso trabalho no processo contabilístico-financeiro. No entanto, não seria justo não referir que ela esteve sempre presente e a sua coordenação foi preciosa para todos os processos que a este Projeto dizem respeito. À Sara Freire, pela dedicação e empenho com que esteve no Projeto, querendo sempre ir mais longe e fazer melhor. À Cláudia Múrias, cuja experiência e saber nesta área foram fundamentais para nos guiar na implementação do Projeto. Ao animador Hugo Fernandes e ao seu amigo e jovem fotógrafo André Boto. O contributo do Hugo não foi apenas no Concurso de Fotografias e na Exposição de Rua de Fotografias, da atividade Campanha de Sensibilização; no entanto, a exposição de fotografia sem o seu contributo não seria a mesma, pela sua experiência na área da fotografia, mas também pelo seu empenho na organização e divulgação desta atividade. É também pela mão do Hugo que chega até nós o embaixador do Concurso de Fotografia, André Boto, cuja sensibilidade para o tema me impressionou e que, com toda a certeza, fez com que a participação, neste concurso, fosse em tão grande número. À jornalista Rubina Jassat, pelo seu apoio no que toca à comunicação interna do Projeto aos/às participantes e na comunicação externa de divulgação do Projeto à comunidade.

À entidade avaliadora do Projeto, na pessoa de Rogério Roque Amaro, um amigo. Com um olhar diferente sobre o Projeto, devolveu-nos uma imagem mais nítida de como o processo estava a decorrer, permitindo-nos, sob a sua orientação, perceber o que devia ser continuado e o que devia ser repensado e feito de outra maneira. A avaliação do Projeto foi sempre sentida como um processo construtivo, de orientação e reajuste.

Um agradecimento especial também às mulheres e aos homens que participaram nos *workshops*, pela generosidade com que nos cederam o seu tempo e a coragem demonstrada ao exporem as suas experiências pessoais.

Por último, mas não menos importante, o reconhecido agradecimento a todos/as aqueles/as que tornaram possível a concretização do Caminhos de Igualdade, nomeadamente, as pessoas, empresas e instituições que de alguma forma nos apoiaram por meio de divulgação, donativos ou cedência de espaços e a todos/as os/as participantes nas várias atividades.

Em fase de despedida do Projeto, não posso deixar de referir as grandes dificuldades que tivemos ao implementá-lo, muito particularmente, no que se refere a questões formais do processo técnico-financeiro, e ainda mais, no que respeita a dificuldades de tesouraria decorrentes do funcionamento da entidade que gere os fundos destinados a este Projeto, e que em nada se adequa ao funcionamento de uma associação com as características da AJD.

Não obstante, as dificuldades foram vencidas, com o trabalho de todos/as os/as intervenientes no Projeto e com o apoio e a compreensão de amigos/as. Posso afirmar que, no presente, experimenta-se um sentimento de maior maturidade na AJD, no que se refere à temática da igualdade de género, é como se estivéssemos numa fase diferente de conhecimentos e competências e como tal de ação para a igualdade. Esta experiência faz-me crer que há ainda muito a fazer, não só nas freguesias rurais do concelho de Viana do Castelo, como no seio da AJD: há ainda caminho a fazer **Caminhos de Igualdade**.

Joaquina Mendes

# Caminhos de Igualdade

---

## Princípio da Igualdade de Género

Princípio que tem por objetivo promover a igualdade entre homens e mulheres, através de uma adequada integração da perspetiva de género em toda a vida social e política, ultrapassando barreiras, visíveis e invisíveis, que poderão surgir no acesso de mulheres e homens, em condições de igualdade, à participação económica, política e social. Implica que se aceite e se valorize de igual modo as diferenças entre homens e mulheres e os distintos papéis que desempenham na sociedade.

O Projeto “Caminhos de Igualdade” foi promovido pela Associação Juvenil de Deão – AJD, nas freguesias rurais de Viana do Castelo, entre julho de 2010 e janeiro de 2014, ao abrigo do Programa Operacional de Potencial Humano (POPH), tipologia 7.3 – Apoio Técnico às Organizações Não Governamentais, gerido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).

A AJD, uma associação sem fins lucrativos, tem por fim criar e desenvolver atividades sociais, culturais, desportivas e artísticas, designadamente, na área da ocupação dos tempos livres, do voluntariado, da cooperação e da formação, promovendo e dinamizando o acesso à informação, a integração social, a participação cívica e a igualdade entre homens e mulheres.

A associação está inserida numa área geográfica rural, que não tem acompanhado os processos de mudança do mundo moderno, sofrendo a população de um

isolamento social que conduz ao crescimento de problemas de exclusão social, desigualdade, preconceitos em relação ao género, precariedade económica nas mulheres, ausência de cidadania no sexo feminino.

As freguesias rurais de Viana do Castelo estiveram durante muito tempo fechadas ao exterior e as estruturas sociais mantiveram-se perenes e imutáveis. O senhorialismo e a prática de uma economia de subsistência mantiveram no limiar da pobreza, quase até aos nossos dias, os/as habitantes destas regiões<sup>1</sup>.

As mulheres ocupam profissões relacionadas com as atividades tradicionalmente ligadas à esfera privada e familiar, prestando serviço de limpeza e apoio a crianças e idosos, e parecem ter mais dificuldade em permanecer no mercado de trabalho, se atendermos ao facto de haver, neste concelho, mais mulheres do que homens em situação de desemprego e a receber o Rendimento Social de Inserção. Continuam a ter um número de tarefas superior ao dos homens no âmbito doméstico, não lhes sendo facilitada uma participação política e cidadã, plena e livre. Este facto é visível na débil representação feminina nos órgãos de poder local (onde apenas 2 das 40 juntas de freguesia são conduzidas por mulheres<sup>2</sup>) e nos órgãos sociais das associações locais. Neste sentido, os desafios de exclusão, nestas zonas, são grandes, agudizam as situações de desigualdade e reforçam os estereótipos de género.

Para atenuar estes problemas, a AJD considerou necessário integrar a perspectiva da igualdade de género neste território e sentiu necessidade de desenvolver um projeto de intervenção comunitária mais amplo, com os seguintes objetivos:

- promover na cultura organizacional de associações que pertencem à área geográfica da Comissão Social Interfreguesias do Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, a incorporação da dimensão da igualdade de género no seu funcionamento e nas suas dinâmicas;
- desenvolver competências de participação na esfera socioeconómica de mulheres, com a dinamização de oficinas do poder e de *workshops* participativos;

---

<sup>1</sup> Projeto Educativo (2009). Lanheses: Agrupamento de Escolas de Arga e Lima.

<sup>2</sup> Dados referentes ao ano da candidatura do projeto – 2010.

- desenvolver competências de participação de homens na esfera doméstica, através das oficinas do poder e de *workshops* participativos;
- contribuir para a análise das mudanças intergeracionais relativas aos estereótipos de género nas mulheres da área de intervenção do projeto, através da dinamização dos serões intergeracionais;
- promover uma campanha de sensibilização em igualdade de homens e mulheres na comunidade local, nomeadamente, ao nível da conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal, envolvendo os/as destinatários/as na definição de atividades.

A dimensão da igualdade de género foi o grande cenário desafiador deste Projeto, permitindo que a participação não decorresse numa lógica passiva de consumo, mas de uma lógica de produção de conhecimento que se configura na participação ativa e pró-ativa dos/as destinatários/as, que se envolvem na análise crítica das suas atitudes.

A metodologia utilizada nos *workshops* participativos foi um instrumento inovador no território. Os *workshops* pretenderam modificar atitudes e enriquecer competências, e possibilitaram às associações envolvidas o reforço de parcerias locais para a resolução dos problemas identificados.

Esta publicação é resultado de um trabalho coletivo – fruto do envolvimento de agentes locais – que deu sustentabilidade aos princípios do Projeto.

O capítulo **O papel do associativismo na construção da Igualdade** evidencia a atividade **Apoio Técnico** dirigida a associações. Traduz o trabalho feito nos *workshops* com dirigentes de associações que pertencem à área geográfica da Comissão Social Interfreguesias do Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, para sensibilização e incorporação do princípio da igualdade de género. Está dividido em duas partes, **Diagnóstico Organizacional e Plano de Melhoria/Criação de um Conselho Interassociativo para a Igualdade**. Na primeira parte, apresentam-se as associações envolvidas na atividade, a missão, as áreas de intervenção, a composição por sexo dos órgãos sociais e a opinião sobre mitos e crenças relacionados com a (des)igualdade de género. Na segunda parte, apresentam-se as recomendações para a construção dos planos que originaram a sugestão de criação do Conselho Interassociativo e conclui-

-se com um testemunho. Ao longo de ambas as partes, enquadra-se o trabalho desenvolvido através da explicação de alguns conceitos estruturantes no âmbito da igualdade de género<sup>3</sup>.

O capítulo **Experiências de conciliação: conversas em meio rural** traduz a recolha de informação, complementar ao diagnóstico de necessidades, trabalho de aprofundamento das representações e práticas sociais sobre conciliação entre esferas de vida prevalentes nas freguesias rurais de Viana do Castelo, através da atividade **Grupos de discussão focalizada**. Estes grupos de discussão foram organizados para permitir a emergência de *problemáticas de conciliação* que pudessem construir *histórias-desafio* próximas da vida real e concreta desta população, para serem trabalhadas nas Oficinas do Poder e para permitirem a escolha de agentes intervenientes – convidados e convidadas – nos *workshops* participativos “Eu sou uma cidadã!” e “Eu faço tarefas domésticas!”. Ao longo do texto, enquadra-se o trabalho desenvolvido através da explicação de alguns conceitos estruturantes no âmbito da igualdade de género<sup>4</sup>.

O capítulo **Desenvolvendo competências de participação** apresenta o trabalho realizado em três atividades do Projeto: **Oficinas do Poder, Workshops para mulheres – Eu sou uma cidadã!** e **Workshops para homens – Eu faço tarefas domésticas!**. As **Oficinas do Poder** foram idealizadas enquanto instrumento de facilitação da compreensão das problemáticas, visando quer a aquisição de informação, quer o debate, para melhorar a elaboração de propostas concretas de mudança, que garantissem condições de igualdade de participação e de empoderamento das pessoas, nomeadamente, no sentido da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens. Os **Workshops** trabalharam o empoderamento das mulheres no mercado de trabalho e dos homens na família, através da partilha de experiências de participação das pessoas intervenientes. Apresentam-se, sempre que foi possível, testemunhos de participação. Ao longo das partes, enquadra-se o trabalho desenvolvido

<sup>3</sup> Conceitos retirados de CIG (2011). Igualdade de Género em Portugal – caixa de texto rosa claro – e de CITE (2003). *Manual de Formação em Igualdade de Oportunidades entre homens e mulheres* – caixa de texto rosa escuro.

<sup>4</sup> Conceitos retirados de três fontes: CIG (2011). Igualdade de Género em Portugal – caixa de texto rosa claro; CITE (2003). *Manual de Formação em Igualdade de Oportunidades entre homens e mulheres* – caixa de texto rosa escuro; VIEIRA, Cristina, NOGUEIRA, Conceição & TAVARES, Teresa C. (2009). Género e cidadania. In Teresa Pinto (Coord.), *Guião de educação género e cidadania: 3º ciclo do ensino básico* (pp. 19-60). Lisboa: CIG – caixa de texto verde.

através da explicação de alguns conceitos estruturantes no âmbito da igualdade de género<sup>5</sup>.

O capítulo **Histórias de mulheres: valorizando o saber narrativo** apresenta o trabalho realizado na atividade **Serões Intergeracionais**. Estes serões foram idealizados para analisar as mudanças geracionais relativas aos papéis e estereótipos de género das mulheres das freguesias rurais de Viana do Castelo, situadas historicamente em diferentes contextos económico-sociais, mas em semelhantes contextos familiares. Estes momentos de conversa e de partilha de histórias de vida entre avós e netas permitiram o reforço dos laços intergeracionais e o empoderamento destas mulheres. Contudo, a partilha de estereótipos e papéis de género dominantes entre estas mulheres podem dificultar esse mesmo empoderamento ao permitir a manutenção das condições sociais e simbólicas que reproduzem a assimetria entre homens e mulheres na sociedade. Manteve-se, ao longo do texto, o enquadramento do trabalho desenvolvido através da explicação de alguns conceitos estruturantes no âmbito da igualdade de género<sup>6</sup>.

O capítulo **Sensibilizando a comunidade local para a Igualdade de Género** evidencia o impacto do Projeto no território, traduzindo a atividade **Campanha**, que foi operacionalizada através de eventos diversificados. Promovida na comunidade alargada do norte do país, esta campanha ganhou visibilidade nos media locais e nacionais, nomeadamente, com a divulgação da Exposição Itinerante do Concurso de Fotografia que captou a participação de variadas pessoas, profissionais e amantes da fotografia, pondo a igualdade de género na ordem do dia.

O livro termina com o capítulo **Avaliando**, traduzindo os pressupostos de modelo de avaliação e as conclusões a que a entidade de avaliação externa chegou, relativamente ao trabalho desenvolvido e ao impacto do Projeto no território de implementação.

---

<sup>5</sup> Conceitos retirados de CIG (2011). *Igualdade de Género em Portugal* – caixa de texto rosa claro – e de CITE (2003). *Manual de Formação em Igualdade de Oportunidades entre homens e mulheres* – caixa de texto rosa escuro.

<sup>6</sup> Conceitos retirados CIG (2011). *Igualdade de Género em Portugal* – caixa de texto rosa claro.



# O papel do associativismo na construção da Igualdade

---

A integração da dimensão da igualdade de género na cultura organizacional das associações parceiras foi um grande desafio neste Projeto, uma vez que implicava a alteração de papéis muito presentes neste território. Tendo em consideração este objetivo, foi necessário, num primeiro momento, enquadrar e sensibilizar para a mudança, mobilizando os/as dirigentes associativos/as para a necessidade da realização de um autodiagnóstico organizacional. Através de *workshops* participativos, foram discutidas coletivamente as dificuldades sentidas e as estratégias que se deveriam adotar. Assim, nestes *workshops*, foi utilizada uma metodologia participativa, sendo apresentado o tema com o objetivo de gerar uma discussão aberta entre os/as participantes.

## Género

Conceito que remete para as diferenças sociais (por oposição às biológicas) entre homens e mulheres.

Estas diferenças são tradicionalmente inculcadas pela socialização, são mutáveis ao longo do tempo e apresentam grandes variações entre e intra culturas.

## *Diagnóstico Organizacional*

Para sensibilização e incorporação do princípio da igualdade de género através de uma análise diagnóstica à organização, foram realizados quatro *workshops* com dirigentes de seis associações pertencentes à área geográfica da Comissão Social Interfreguesias do Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima. Em cada *workshop*, em que esteve presente sempre a mesma facilitadora, foram abordados diferentes conteúdos dentro da perspectiva de género, mas de um modo sequencial:

**Workshop 1** – Enquadramento e sensibilização para a igualdade de género: situação das mulheres e dos homens nas freguesias do Vale do Lima Sul e do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima;

**Workshop 2** – Preparação do autodiagnóstico organizacional. Conceitos: igualdade, desigualdade, estereótipos e papéis sociais de género. Evolução das mentalidades: estrutura de crenças e mitos, costumes e tradição;

**Workshop 3** – Apresentação e discussão sobre os resultados do autodiagnóstico organizacional: representações e práticas organizacionais. Intervenção para a mudança: a integração da perspetiva de género e as ações positivas;

**Workshop 4** – Construção de um plano de melhoria. A promoção da igualdade: Conselho Interassociativo para a Igualdade.

### **Integração da perspetiva de género (transversalização)**

Integração sistemática, em todas as políticas, das situações, prioridades e necessidades de homens e mulheres, com o objetivo de promover a igualdade entre eles/as e mobilizar explicitamente o conjunto das políticas.

### **Ações positivas**

Medidas destinadas a um grupo específico, com as quais se pretende eliminar e prevenir a discriminação ou compensar as desvantagens decorrentes de atitudes, comportamentos e estruturas existentes.

## **Associações Envolvidas**

Aldeia Global  
– Associação de  
Desenvolvimento Local

Associação Cultural e  
Recreativa de Deocriste

Associação Desportiva  
e Cultural de Santa  
Maria de Geraz do Lima

Associação Desportiva,  
Cultural e Social de  
Subportela

ADERE – Associação  
para o Desenvolvimento  
dos Recursos Endógenos  
de Vila Franca

Associação Juvenil  
de Deão

O processo de autodiagnóstico permitiu perceber se nas organizações já existia a preocupação ao nível da igualdade de mulheres e homens e quais as boas práticas existentes. A maioria destas associações assumiu nunca ter pensado neste assunto. Contudo, verificou-se que há espaços para incluir a preocupação com a igualdade de género, nada impedindo a sua construção nestas associações.

Apesar da missão social e objetivo destas associações não estarem vocacionadas para a igualdade de género, nada na missão ou objetivos das associações limita a implementação de um plano para a igualdade.

## Missão das Associações

“Promover o desenvolvimento social, cultural, recreativo e desportivo na área geográfica de abrangência da associação”.

“Promover o desenvolvimento social, cultural, desportivo e recreativo dos associados”.

“Promover atividades na aldeia, dinamizar a aldeia com eventos desportivos, culturais, ...”.

“Contribuir para a promoção cultural, desportiva e social da população da freguesia de Subportela e vizinhas”.

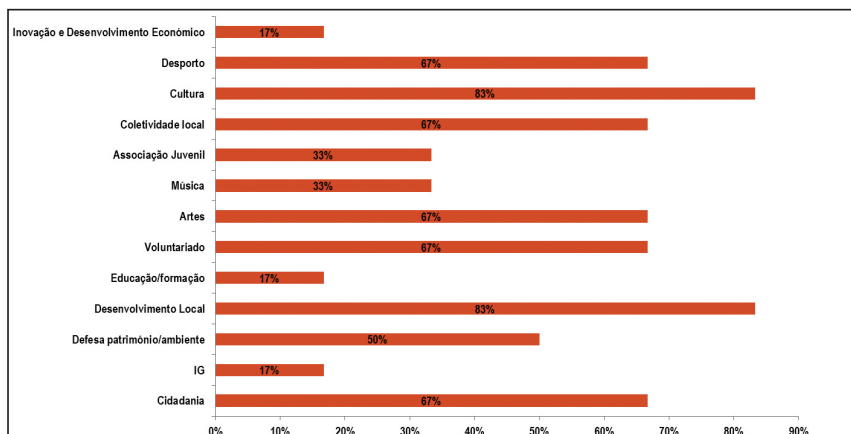
“Levantamento, estudo e valorização dos recursos endógenos da freguesia de Vila Franca e das oportunidades de desenvolvimento local nas áreas da economia, do social, da cultura, do património edificado, do ambiente e dos recursos humanos”.

“Criar e desenvolver atividades sociais, culturais, desportivas e artísticas para a juventude, designadamente na área da ocupação dos tempos livres, do voluntariado, da cooperação e da formação, promovendo e dinamizando o seu acesso à informação, a sua integração social, a participação cívica e a igualdade entre homens e mulheres”.

## Áreas de intervenção das atividades das associações

Cruzando a necessidade de **ações positivas** com as áreas de intervenção, pode-se optar por propor atividades que permitam eliminar discriminações ou compensar desvantagens, quer de mulheres, quer de homens.

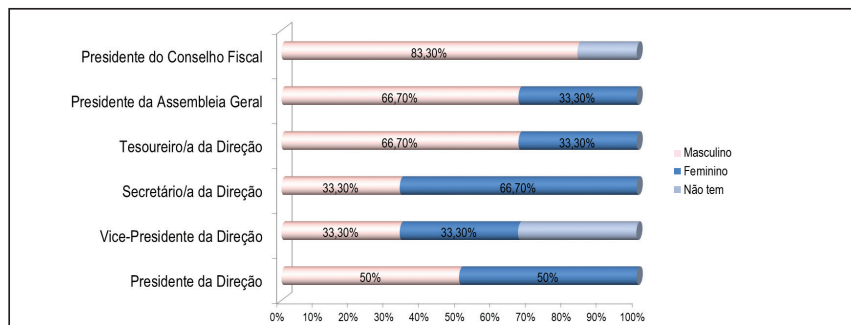
Gráfico 1 - Áreas de intervenção das atividades das associações



## Órgãos sociais

Apesar de haver diversidade relativamente ao sexo na atribuição de funções, papéis ou posições nos órgãos sociais, observa-se a existência de alguns cargos ocupados sistematicamente por mulheres e outros ocupados sistematicamente por homens.

Gráfico 2 - Representação por sexo dos órgãos sociais das associações



## Democracia paritária

Conceito de sociedade equitativamente composta por homens e mulheres e na qual o pleno e igual exercício da cidadania depende da representação equilibrada de ambos nos cargos políticos de tomada de decisão. Uma participação próxima ou equivalente de homens e mulheres no processo democrático, numa proporção de 40/60%, constitui um princípio de democracia.

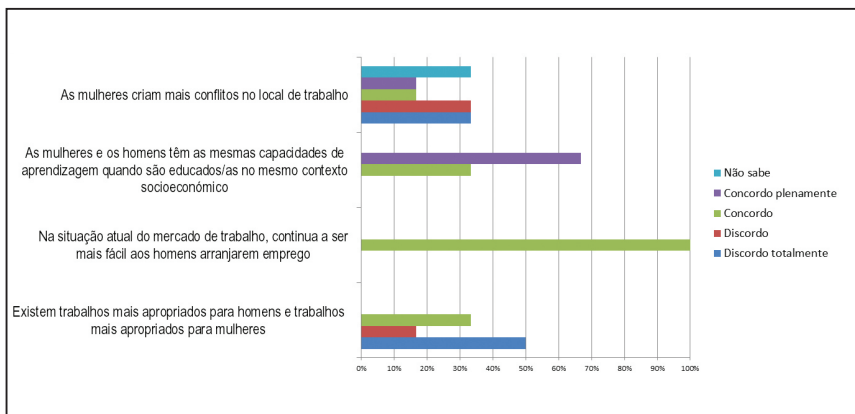
## Paridade

Conceito e objetivo, através do qual se pretende reconhecer igual valor a pessoas de ambos os sexos, dar visibilidade à igual dignidade de homens e mulheres, renovar a organização social de modo a que mulheres e homens partilhem, de facto, direitos e responsabilidades, não sendo reduzidos a espaços e funções predeterminadas por hábitos e preconceitos, mas usufruindo de plena igualdade e liberdade a todos os níveis e em todas as esferas.

## Mitos e crenças

As associações têm perceção e consciência das desigualdades sociais de género, mas dificuldade em explicar o porquê da manutenção destas situações, uma vez que no seu discurso não reproduzem as crenças nas diferenças entre homens e mulheres nem defendem os tradicionais papéis de género.

**Gráfico 3 - Opiniões dos/as dirigentes associativos/as**



## Contrato social de gênero

Conjunto de normas implícitas e explícitas que regem as relações de gênero e atribuem a homens e mulheres diferenças de trabalho e valor, bem como de responsabilidades e obrigações, articulando-se em três níveis: substrato cultural (normas e valores da sociedade), instituições (bem-estar familiar, sistemas de educação e emprego, etc.) e processos de socialização, nomeadamente na família.

### *Plano de melhoria/Criação de um Conselho Interassociativo para a Igualdade*

Destes *workshops*, saíram algumas recomendações para os planos de melhoria:

- propor atividades que visem compensar desvantagens ou eliminar discriminações quer de mulheres, quer de homens, relativamente às práticas tradicionais;

- medir o grau de satisfação através de questionários anónimos e confidenciais (ex.: satisfação com o modo de organização, funcionamento da associação, horário das atividades, motivações para a participação, sugestões de melhoria, etc.);

- recolher sugestões alternativas para inclusão no plano de atividades anuais (ex.: através de uma caixa de sugestões; inclusão de perguntas nos questionários de satisfação: “Quais as atividades que gostaria de ver desenvolvidas pela associação? Sugira 3 atividades alternativas às que têm sido desenvolvidas”, etc.);

- avaliar anualmente a implementação do plano de melhoria.

A discussão dos resultados do autodiagnóstico deu lugar à consciencialização da necessidade de formação de um *Conselho Interassociativo para a Igualdade*, de forma a alterar o contrato social de gênero, nas comunidades de intervenção das associações, de modo a que sejam inovadoras e contrariem as lógicas dominantes, no que diz respeito à promoção da igualdade de gênero.

## Planos de melhoria

Conjunto de medidas ou intenções a introduzir nas associações para melhorar a dimensão da Igualdade de Género no seu funcionamento e nas suas atividades.

## Testemunho/Reflexão

Quando entrei neste projeto, há cerca de dois anos e meio, perguntei-me: “igualdade de género? Sim, claro que existe!” Mas agora: “será que realmente existe? Existir, existe, mas não é como nós pensamos ou idealizamos”.

Depois de vários workshops, como dirigente associativa, comecei a perceber que neste século XXI ainda existe uma grande desigualdade entre o homem e a mulher: a mulher apesar de ter feito um longo caminho e de se afirmar cada vez mais como mulher, mãe e profissional, ainda é vista pelo homem como aquele objeto que só serve para fazer sexo. Mesmo que a maior parte dos homens digam “a minha mulher é livre de fazer o que quiser”, na hora da verdade, se a mulher não tem a casa arrumada, a roupa lavada e engomada, o jantar pronto, ele começa logo a dizer “não sei o que andas a fazer!” A maior parte das vezes, as mulheres têm que prescindir de certas atividades em prol do bem-estar do seu lar. O homem é capaz de tudo, mesmo sem dizer nenhuma palavra, ele consegue magoar a mulher.

Só depois de vários encontros e debates é que começamos a perceber que realmente a igualdade de género ainda está longe do conceito que se pretende. Hoje digo: existe ainda muito por fazer, existe uma grande diferença entre o meio urbano e o meio rural. Ainda há muitos caminhos a percorrer para que no futuro se possa dizer que há igualdade de género.

*Ana-Maria Correia*



# Experiências de conciliação: conversas em meio rural

---

Os estudos realizados sobre a organização familiar, mostram de forma consistente que o ingresso em massa das mulheres no mundo profissional não se traduziu em alterações significativas nas práticas familiares<sup>7</sup>. Apesar de haver maior expectativa para os homens cuidarem das crianças, a sociedade não os encoraja a dar prioridade ao seu papel de pais nem os prepara para assumir o papel parental<sup>8</sup>.

Estudos recentes realizados no norte de Portugal sobre os papéis sociais de género, encontram um reforço das normas sociais dominantes através de uma maior reprovação dos homens quando não são os principais provedores ou ganha-pães da família, enquanto que as mulheres são alvo de reprovação se não cuidarem e não fizerem da família a sua principal prioridade<sup>9</sup>. Como resultado, as mulheres reorganizam mais facilmente as suas prioridades para virem ao encontro das exigências de tempo provenientes da família, enquanto os homens tendem a

---

<sup>7</sup> AMÂNCIO, Lúcia (2007). Género e divisão do trabalho doméstico – O caso português em perspectiva. In K. Wall, L. Amâncio (Orgs.), *Família e género em Portugal e na Europa* (pp. 181-211). Lisboa: ICS.

PERISTA, Heloisa (Coord.) (1999). *Os usos do tempo e o valor do trabalho: Uma questão de género*. Lisboa: CIG.

POESCHL, Gabrielle & SERODIO, Rui (1998). Rôles de genre, travail familial: Représentations et relations. *Revue Internationale de l'Éducation Familiale*, 2 (2), 5-23.

POESCHL, Gabrielle (2000). Trabalho doméstico e poder familiar: Práticas, normas e ideais. *Análise Social*, 35 (156), 695-719.

WALL, Karin (2007). Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa. In K. Wall, L. Amâncio (Orgs.), *Família e género em Portugal e na Europa* (pp. 211-259). Lisboa: ICS.

<sup>8</sup> WILLE, Diane E. (1995). The 1990s: Gender differences in parenting roles. *Sex Roles*, Vol. 33, Nos 11/12, 803-817.

<sup>9</sup> POESCHL, Gabrielle (2010). Desigualdades na divisão do trabalho familiar, sentimento de justiça e processos de comparação social. *Análise Psicológica*, 38 (1), 29-42.

privilegiar as exigências de tempo provenientes do trabalho, tal como demonstram as investigações efetuadas sobre as famílias chamadas de “dupla carreira” ou de “duplo trabalho”<sup>10</sup> e os dados do único inquérito nacional realizado em Portugal à ocupação do tempo, em 1999, que referem que as mulheres trabalham mais 3 horas por dia do que os homens, em tarefas domésticas e prestação de cuidados à família<sup>11</sup>.

### Papéis Sociais de Género

Conjunto de normas de ação e comportamentos tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres e classificadas, respetivamente, por masculinas e por femininas. Os papéis de género aprendem-se através de processos de socialização e podem alterar-se não sendo, por isso, fixos.

### *Grupos de discussão focalizada*

Os grupos de discussão consistiram em momentos de partilha exploratórios da temática da conciliação entre esferas de vida. Contaram com a presença de uma moderadora que levantou um conjunto de questões acerca das dimensões do quotidiano de cada pessoa (atividade profissional/laboral, doméstica, familiar, social/cívica ou/e voluntariado, lazer/pessoal) e tiveram uma pessoa observadora, para apontar as questões não audíveis.

Foram organizados quatro grupos, de acordo com três categorias sociais de pertença: a pertença sexual das pessoas – rapazes ou homens *versus* raparigas ou mulheres; a relação com o trabalho – exercer uma profissão *versus* não trabalhar; e a tipologia de agregado familiar – agregados de “dupla carreira” ou “duplo trabalho” *versus* agregados tradicionais (mulher doméstica “provedora da família”, homem “ganha pão”) *versus* agregados unipessoais – no intuito de verificar se a pertença a diferentes grupos se traduzia em formas de pensar ou práticas comportamentais específicas.

<sup>10</sup> SARACENO, Chiara (1992). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.

<sup>11</sup> INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001). *Inquérito à ocupação do tempo: Principais resultados*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Participaram 22 pessoas (11 mulheres, 11 homens): 7 mulheres trabalhadoras – 4 inseridas em agregados de “dupla carreira”/“duplo trabalho”, 2 inseridas em agregados unipessoais e 1 inserida num agregado tradicional alargado; 6 homens trabalhadores – 4 inseridos em agregados de “dupla carreira”/“duplo trabalho” e 2 inseridos em agregados unipessoais; 4 mulheres não trabalhadoras – 2 estudantes inseridas em agregados de “dupla carreira”/“duplo trabalho” e 2 (1 doméstica, 1 desempregada) inseridas em agregados tradicionais; 5 homens não trabalhadores – 3 estudantes inseridos em agregados de “dupla carreira”/“duplo trabalho” e 2 desempregados inseridos em agregados tradicionais.

As conversas ocorridas nos grupos de discussão focalizada, foram transcritas e analisadas, de acordo com as categorias dedutivas: as dimensões da conciliação e as categorias sociais de participantes, possibilitando o surgimento indutivo de *problemáticas de conciliação entre esferas de vida em contexto rural*. Estas problemáticas, que a seguir se apresentam, permitiram a construção de *histórias-desafio* que foram trabalhadas nas oficinas de poder.

## As problemáticas de conciliação em espaço rural

### a) Os estereótipos de género e a desigual participação das mulheres nas tarefas domésticas e familiares: a sobrecarga da dupla tarefa

A desigualdade de participação nas tarefas domésticas e familiares e a sobrecarga de trabalho evidenciaram-se enquanto obstáculo à participação das mulheres no mercado de trabalho.

As mulheres elaboram inúmeras estratégias para organizar o seu dia a dia, dentro de uma perspetiva de conciliação familiar sem contar com o apoio dos companheiros, mesmo quando têm agregados de “dupla carreira” ou “duplo trabalho”:

#### Estereótipos de género

Representações generalizadas e socialmente valorizadas acerca do que as mulheres e os homens devem ser e fazer.

*“A minha mãe agora trabalha na fábrica, mas antes trabalhava no comércio e horário de comércio é muito maior. Porque é das 9 da manhã... a função dela era das 7.30h da manhã às 7.30h da*

*noite, tinha a hora de almoço. Então, a hora de almoço tentava conjugar com a nossa hora de almoço p'ra ter um bocado de tempo p'ra estar connosco. À noite, eu sei que era pequena e ela chegava a casa, muitas vezes às 9h da noite chegávamos a casa jantávamos p'ra lá qualquer coisa rápida e era... vamos jogar num instante aqui às escondidinhas (...) depois pegava, deitava-nos e ela ficava a passar a ferro, a dobrar, a passar e a preparar as coisas p'ró dia seguinte porque às 6h da manhã já estávamos a pé novamente” (solteira, estudante).*

*“Mesmo assim eu vejo pela minha mãe, é ela que tem... a minha avó paterna mora ao nosso lado e vejo que se não for a minha mãe, o meu pai passa ao lado nem se lembra, muitas vezes. É a minha mãe que tem aqueles cuidados de quer ir ao médico, precisa disto, quer ir aquilo... nota-se mais isso. São raros os homens que são despachados e que se desenrascam” (solteira, estudante).*

*“Ai eu se estou à espera dele para me dar de comer, fazer comidinha, nem pensar... nessa parte não tenho sorte” (casada, empregada fabril).*

Apesar destas mulheres despenderem mais tempo com a realização das tarefas domésticas, muitas justificaram o facto de os homens não se sentirem responsáveis pela realização do trabalho doméstico – e não o realizarem – culpabilizando-se ou culpabilizando outras mulheres, através da culpabilização da cultura familiar, não havendo, por outro lado, qualquer atribuição de responsabilidade – social – para a cultura organizacional:

*“(...) tenho um trabalho abrigado e ainda vou de carro, ele vai para trabalhar no meio da lama e ainda vai de mota à chuva e eu depois também fico a pensar “ainda lhe vou deixar isso tudo?”, também chega a casa cheio de frio, todo molhado e ainda vai continuar lá fora a fazer essas coisas. Não!” (casada, empregada de hipermercado).*

*“É uma questão de hábito... Também tem a ver com a educação que vem de trás” (solteira, estudante).*

*“Exacto! Porque é que o meu pai e os meus tios não sabiam fazer nada? Porque a minha avó não ensinou. E do outro lado já sabiam tudo”* (solteira, profissional liberal).

*“Da nossa geração é culpa das mães. Tem os meninos “ai os meninos não podem”... a culpa é das nossas mães de geração: Ah é um menino, porque é rapaz e porque num sei quê...”* (solteira, estudante).

*“Eu por acaso não, porque o meu marido é músico e anda sempre fora não tem tempo p’ra nada. Não dá mesmo!”* (casada, desempregada).

## **b) Os homens e os papéis de género**

Os homens legitimam os estereótipos e a reprodução da divisão tradicional de papéis de género, atribuindo as responsabilidades familiares às mulheres:

*“Já está incutido em nós saber que a mulher tipo ao sábado de manhã faz a limpeza geral da casa, acho que se ela não limpa... não vai ser tão fácil desbloquear isso, a mulher ficar na cama e eu ir fazer a limpeza sozinho”* (solteiro, militar).

*“Convém que continuem assim, tudo bem. Nós também temos outras coisas que elas não fazem. Nós temos que fazer, não é? Também é uma verdade! Podem dispor mais tempo para a limpeza e o homem dispor mais tempo para o jardim, etc. A minha esposa nunca cortou a relva, tenho quase a certeza, não é?”* (casado, comerciante).

Mesmo quando se encontram em situação de desemprego, não perspetivam a mudança:

*“Eu acho que se devia manter... o homem que traga o dinheirinho para casa e a mulher escusa de trabalhar... a minha mulher nunca trabalhou... a minha mulher era mantida por mim, nunca trabalhou, ela fazia o trabalho de casa e eu fazia o trabalho fora de portas, e todos fossem assim já era uma grande coisa”* (casado, desempregado).

### c) Cultura organizacional: a produtividade, os horários de trabalho e as responsabilidades parentais

Relativamente à cultura das organizações empresariais, tanto os homens como as mulheres encontram responsabilidades na falta de compreensão da entidade empregadora para a importância da conciliação, no entanto, sem mostrarem consciência coletiva de que as desigualdades entre homens e mulheres na conciliação entre esferas de vida são fonte de discriminação de género no local de trabalho, nem tão pouco consciência coletiva de que as políticas públicas de apoio à natalidade e à família são essenciais para o desenvolvimento económico-social do país, devendo estas políticas constituir-se também enquanto responsabilidade social das empresas:

*“Quanto menos faltar, melhor! Tenho que ir, tenho que faltar “Ah não! Porque não mandas a avó com ele? (casada, empregada fabril).*

*“Vou partilhar a dificuldade de muitas trabalhadoras... lidar com o trabalho, lidar com os filhos e depois ir à escola, estar junto dos filhos, o que num dá... os patrões não vão dar dias, isso é perda de produtividade... não conseguem ir à escola, não conseguem acompanhar os filhos” (casado, empregado fabril).*

*“Na instituição na qual eu trabalho temos creche e temos prolongamento de jardim de infância e tenho notado (...) que os pais cada vez mais nos propõem o alargamento de horário. Nós abrimos às 7.30h da manhã e fechamos às 19h (...) muitos com frequência telefonam “hoje vamos chegar atrasados”, principalmente as mães, “porque tivemos uma reunião de urgência, por isto, por aquilo, porque agora temos que estar até mais tarde no trabalho” (solteira, auxiliar de educação).*

*“(...) mas há aí trabalhos (...) infelizmente até é no meu caso... em que a mulher trabalha ao domingo e sábado e tá de folga à semana, não é? Se analisarmos bem, nós nunca nos encontramos e eu acho isso muito mal (...) Nesse facto aí, para mim está muito mal. Mas pronto! Eles é que têm a lei e eles é que gostam de fazer aquilo que lhes apetece... e nós temos que nos sujeitar. E é mau!” (casado, operário de construção civil).*

## Medidas de conciliação

Medidas destinadas a facilitar os cuidados a crianças e a pessoas idosas e implementação de uma estrutura e organização do ambiente de trabalho que favoreça a combinação das responsabilidades profissionais e familiares para homens e mulheres.

### Em jeito de reflexão...

Com esta atividade do Projeto, foi possível constatar que, nas freguesias rurais de Viana do Castelo, os estereótipos e papéis de género ainda condicionam uma maior participação das mulheres nas tarefas domésticas e parentais. Verificou-se que, nesta região, as mulheres organizam mais facilmente as suas prioridades para virem ao encontro das exigências de tempo provenientes da família, de acordo com o padrão familiar das “duplas carreiras” ou “duplo trabalho”. No entanto, nestas freguesias rurais, esta situação não permite que as mulheres tenham uma gestão da vida profissional que as proteja do desemprego – constatando-se a existência de 2 990 mulheres no desemprego, face a 2 513 homens<sup>12</sup> – ou da exclusão do mercado de trabalho, com um elevado valor de atribuição do Rendimento Social de Inserção às mulheres, nomeadamente 1 004 casos<sup>13</sup>. Assim, entende-se que as expectativas que atribuem às mulheres a responsabilidade de cuidar das crianças acabam por constituir um obstáculo significativo à igualdade de participação entre homens e mulheres, mantendo a assimetria entre homens e mulheres na família e no mercado de trabalho<sup>14</sup>, e em último caso, contribuindo para a feminização da pobreza.

## Feminização da pobreza

Crescente incidência e prevalência da pobreza nas mulheres, em comparação com os homens.

<sup>12</sup> Instituto do Emprego e Formação Profissional (2012). Concelhos: Estatísticas mensais. Retirado de [http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/ConcelhosEstatisticasMensais/Documents/2012/SIE-Desemprego\\_Registado\\_por\\_concelhos\\_dez2012.pdf](http://www.iefp.pt/estatisticas/MercadoEmprego/ConcelhosEstatisticasMensais/Documents/2012/SIE-Desemprego_Registado_por_concelhos_dez2012.pdf)

<sup>13</sup> Base de Dados Portugal Contemporâneo (2012). Beneficiários do Rendimento Social de Inserção da Segurança Social: total e por sexo. Retirado de <http://www.pordata.pt/Municipios/Beneficiarios+do+Rendimento+Mnimo+Garantido+e+Rendimento+Social+de+Insercao+da+Seguranca+Social+total+e+por+sexo-513>

<sup>14</sup> MÚRIAS, Cláudia & RIBEIRO, Raquel (2012). Ideias a desconstruir ou a reinventar: Questionando percursos tradicionais de liderança de mulheres e de homens. In Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords.), *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 201-222). Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic.



# Desenvolvendo competências de participação

---

Tanto homens como mulheres, ao longo do tempo, tentam contribuir para o mundo social em que estão inseridos e inseridas. Contudo, a distribuição de papéis e responsabilidades assumiu diferentes formas.

Até há pouco, nos países ocidentais, os rendimentos familiares apoiavam-se essencialmente no trabalho remunerado do homem, o chefe de família. Com o progresso da industrialização estabeleceu-se uma diferenciação entre a esfera pública e a esfera privada, fazendo parte do quotidiano das pessoas. Os homens, tradicionalmente com perspectiva de emprego fora de casa, passam mais tempo no domínio público, envolvendo-se mais em assuntos locais, políticos e económicos. Já as mulheres assumem os trabalhos domésticos, nomeadamente, tarefas associadas às crianças, à casa, à alimentação e ao cuidado com pessoas idosas e doentes. Mais recentemente, verificou-se a entrada progressiva das mulheres no mercado de trabalho.

Porém, em Portugal, tradicionalmente as mulheres sentem grandes dificuldades, uma vez que além das tarefas domésticas, têm necessidades de trabalhar para suplementar o rendimento do trabalho do homem e apoiar o sustento de um estilo de vida desejável.

Em Portugal, o *Estado Novo*, tal como outros regimes políticos da época, procurou divulgar uma imagem de subalternidade das mulheres através da socialização da diferença, com a imposição de estereótipos sexuais rígidos e discriminatórios da mulher, dando centralidade ao papel de *mãe de família* enquanto agente estruturador da ideologia do Estado<sup>15</sup>. Desta forma, legitimou

---

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Maria José & PINTO, Helena (2004). Olhei à minha volta e reparei. In Francisco Louçã & Fernando Rosas (Org.), *Ensaio geral. Passado e futuro do 25 de Abril* (pp.189-211). Lisboa: Publicações D. Quixote.

na sociedade uma estrutura de crenças, atitudes e práticas socioculturais e institucionais preconceituosas ou de discriminação, que privilegiam o “masculino” e enfraquecem “o feminino”, denegrindo os valores e os papéis de género tradicionalmente associadas às mulheres, bem como as pessoas de ambos os grupos sexuais, homens e mulheres, que desempenham esses papéis.

Atualmente, após 40 anos da revolução democrática que implementou, em Portugal, a igualdade formal entre homens e mulheres, os sinais de discriminação de género permanecem evidentes no trabalho, na vida política e na família.

Estas discriminações, marcantes no território de Viana do Castelo, foram o mote para trabalhar competências – enquanto conjunto articulado e coerente de representações, conhecimentos, capacidades e comportamentos, mobilizado num momento e adaptado por uma pessoa ou grupo numa situação concreta; constituindo-se como um saber agir e reagir em situações pessoais, sociais e profissionais complexas<sup>16</sup> – quer com homens, quer com mulheres, para uma melhor conciliação entre esferas de vida.

### *Oficinas do Poder*

As Oficinas do Poder são uma metodologia participativa, tendo como prioridade a promoção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. O objetivo consiste em promover a capacidade de reflexão sobre os problemas, interesses e expectativas individuais e coletivas, mediante um processo de aquisição de poder por parte de cada indivíduo, de forma a encontrar as soluções para os problemas.

Ao funcionar como um método que sensibiliza para a igualdade de género, assume-se em simultâneo como um processo de transformação, através da consciencialização dos problemas e sua resolução<sup>17</sup>, ou seja, é uma metodologia de discussão levando as pessoas a pensar num problema e a encontrar a sua solução, vestindo a pele de uma personagem e construindo uma história, fazendo de conta.

---

<sup>16</sup> ANOP (2000) *O Balanço de Competências nas Oficinas de Projetos – Reflexões sobre um Percorso*. Santa Maria da Feira: ANOP.

<sup>17</sup> TORRES, Miguel, SANTOS, Simone & MATOS, Carla (2007), *Oficinas de Poder*. In Rosa Monteiro (coordenação e publicação) *“Caminhos de Autonomia: metodologias e estratégias para a criação de espaços comunitários facilitadores da conciliação da vida familiar e do trabalho em espaço rural”* (pp. 89-94). Vouzela: ADRL, ACERT, ICE.

Foram realizadas oito Oficinas do Poder com 81 pessoas de ambos os sexos, num total de 37 homens e 44 mulheres, partindo das problemáticas apontadas nos grupos de discussão focalizada:

- a) os estereótipos de género e a desigual participação das mulheres nas tarefas domésticas e familiares: a sobrecarga da dupla tarefa;
- b) os homens e os papéis de género;
- c) cultura organizacional: a produtividade, os horários de trabalho e as responsabilidades parentais.

A seleção dos/as participantes foi feita em parceria com as associações que colaboraram neste Projeto. Devido às dificuldades de mobilização das pessoas, houve três padrões de Oficinas do Poder: um grupo misto constituído por **metade mulheres, metade homens**; outro constituído **maioritariamente por mulheres**; e outro constituído **maioritariamente por homens**.

Um **primeiro padrão** de grupo teve a participação de 40 pessoas. A 2ª oficina teve a participação de 5 homens e 5 mulheres a partir dos 31 anos, casados/as, com habilitações literárias até ao 3º ciclo e com emprego. Na 3ª oficina, estiveram presentes 5 homens e 5 mulheres, com mais de 31 anos, casados/as, com escolaridade até ao 3º ciclo, mas eram pessoas inativas face ao emprego (desempregadas, domésticas ou reformadas). No que diz respeito à 4ª oficina, as 6 mulheres que participaram encontravam-se maioritariamente casadas, com mais de 31 anos e eram trabalhadoras por conta de outrem ou domésticas. Os 4 homens tinham mais de 31 anos, eram casados e trabalhadores por conta de outrem. Na 7ª oficina, tivemos 5 homens solteiros que se encontravam na faixa etária dos 15 aos 30 anos e 5 mulheres casadas, com mais de 31 anos. A maioria das pessoas tinham o ensino secundário e encontravam-se empregadas.

Um **segundo padrão** teve a participação de 30 pessoas. Na 1ª oficina, participaram 7 mulheres e 3 homens, que se encontravam na faixa etária dos 15 aos 30 anos, solteiras/os e maioritariamente estudantes. Na 5ª oficina, participaram 8 mulheres e 4 homens, solteiras/os, que se encontravam na faixa etária dos 15 aos 30 anos e eram ainda estudantes. Na 8ª oficina, participaram 5 mulheres e 3 homens com mais de 31 anos, casadas/os, com emprego e escolaridade até ao 3º ciclo.

Um **terceiro padrão**, constituído maioritariamente por homens com emprego, heterogéneo relativamente à idade, correspondeu à 6ª oficina e teve a participação de 11 pessoas: 8 homens, dos 15 aos 50 anos, com escolaridade até ao 3º ciclo, quer solteiros, quer casados; 3 mulheres casadas e que variavam relativamente à faixa etária.

## Guião da Oficina do Poder

Após a formação aleatória de dois grupos, constituídos por 5 a 6 pessoas cada, o início dos trabalhos assentou na visualização e experimentação dos problemas apontados nos grupos de discussão focalizada, tendo funcionado as *histórias-desafio* como exemplares criativos, com a dramatização por parte dos grupos, criando condições para a reflexão coletiva, crescente consciencialização e procura de resolução para as *problemáticas de conciliação* apontadas. Estas oficinas tiveram sempre a presença de um/a relator/a externo/a, em cada grupo, para anotar a construção da teia, o processo e a solução encontrada.

### Apresentação dos problemas

Foram apresentadas quatro possibilidades de problemas ou situações a resolver, com indicação das respetivas personagens pré-definidas a representar:

**Problema 1: Empregada fabril com filho doente não pode faltar ao trabalho (conciliação entre vida familiar e profissional): o que fazer?**

Personagens: Empregada fabril; Patrão/Patroa; Avó/Avô; Colega de trabalho; Rececionista do médico; Colega de trabalho sindicalista

**Problema 2: Homem não executa tarefas domésticas, porque refere que isso é tarefa da mulher (consumo do tempo das tarefas domésticas e alteração do papel da mulher): conflito conjugal à vista! O que fazer?**

Personagens: Homem; Mulher; Sogra; Amigo; Colega de trabalho; Treinador

**Problema 3: Mulher que ficou desempregada por engravidar (igualdade de oportunidades): vai fazer queixa à ACT?**

Personagens: Grávida; Patroa/patrão; Sindicalista; Padre; Irmão/irmã; Cliente da empresa onde a grávida trabalhava

**Problema 4: Rapaz, desempregado, solteiro, sem filhos, a morar na casa dos pais, não participa nas tarefas domésticas nem tem atividades na vida pública (participação, empoderamento, cidadania): que lhe fazemos?**

Personagens: Rapaz; Mãe; Namorada; Vizinho; Funcionária de apoio domiciliário; Assistente social

## Construção das histórias

A etapa da construção das histórias obedeceu aos seguintes passos:

- i. Sorteio de personagens e construção da identidade de cada uma
- ii. Construção de teia de relações de poder entre as personagens
- ii. Atribuição de tema/problema a cada grupo para discussão
- iv. Construção por cada grupo da solução para o problema

Em função do problema atribuído, cada grupo construiu a história para encontrar a solução. A criação, por cada grupo, de uma teia ou **rede de relações** de poder entre as personagens, é um imperativo nas Oficinas do Poder. A construção de um mapa de relações, ou seja, a definição das relações existentes entre as personagens, ficou ao critério dos membros do grupo, no entanto, as personagens tinham que estar ligadas entre si por laços familiares, de trabalho, de amizade ou outros. Desta forma, foi permitido às pessoas participantes vivenciar as dificuldades e experimentar as oportunidades que se cruzam nos processos que envolvem relações de poder na tomada de decisões.

## Dramatização das histórias

A dramatização de cada grupo foi fotografada – reportagem fotográfica – e posteriormente montada sobre a forma de fotonovela. Partindo das fotonovelas, foram discutidas coletivamente e em grande grupo as histórias e soluções encontradas.

## Exemplificando uma fotonovela...

Empregada fabril com filho doente não pode faltar ao trabalho (conciliação entre vida familiar e profissional): o que fazer?

**Era uma vez, uma mãe afita...** Marta Gomes trabalha numa fábrica. Vive com o filho, ainda pequeno, que está muito doente e não consegue ir com ele ao médico.



Já estou atrasada. E tenho de deixar o miúdo sozinho em casa!  
Pobre criança!

Financiada por: 

Quando chega ao trabalho, é chamada ao escritório da patroa...



Lindas horas para chegar!  
Vai-te ser descontado no salário!  
Mas o miúdo está doente...

Financiada por: 

A patroa não admite atrasos nem aceita dispensar a funcionária para ir prestar assistência ao filho doente.



O que faço da minha vida!  
Estou contratada a prazo...  
E não voltes a repetir, senão vais para casa de vez! A produção não pode parar!

Financiada por: 

Entretanto, Marta desabafa com a colega de trabalho Gisela, que por acaso é sindicalista!



Ela despede-me na mesma e eu preciso do emprego! Tenho de arranjar outra solução!  
A patroa não pode fazer isso! Tu tens direito a falta justificada para cuidar do teu filho!

Financiada por: 

A sindicalista vai interceder pela colega junto da patroa.



Ui, ui, ui... não gosto disto!  
A Marta tem direitos! E se a despedir, isso é um despedimento sem justa causa e vai ter de lhe pagar uma indemnização!

Financiada por: 



Se eu faltar, a patroa despede-me...  
Sera que podia marcar consulta para depois do trabalho, lá para as 19.30 h?!

Financiada por: 



## Conciliação entre a vida familiar e a atividade profissional

Refere o artigo 59.º, n.º 1, al. b), da Constituição da República Portuguesa que “todos os trabalhadores sem distinção de sexo, raça, cidadania, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, têm direito à organização do trabalho em condições socialmente dignificantes, de forma a facultar a realização pessoal e a permitir a conciliação da atividade profissional com a vida familiar”.

O cumprimento desta norma exige da entidade empregadora uma organização do trabalho, que tenha em conta as necessidades familiares dos/as seus/suas trabalhadores/as, designadamente quando tenham de acompanhar descendentes menores ou outras pessoas a cargo, pessoas deficientes, pessoas idosas, etc.

As dispensas para consultas pré-natais, para amamentação e aleitação, a dispensa de trabalho noturno, a redução do período normal de trabalho para assistência a descendente com deficiência, as faltas para assistência a menores doentes e à família, o trabalho a tempo parcial, a jornada contínua, o horário flexível, etc., constituem direitos dos/as trabalhadores/as à conciliação da atividade profissional com a vida familiar.

## Reflexão coletiva

Perante as declarações saídas das reflexões coletivas dos diferentes grupos das Oficinas do Poder, esta atividade, através do desafio para a procura de soluções para os problemas apresentados, possibilitou às pessoas participantes maior consciencialização para as diferentes formas de discriminação no trabalho, para a necessidade de defesa dos direitos laborais e para a reivindicação de medidas de conciliação entre a vida familiar e a atividade profissional. De uma forma inovadora e informal, permitiu a tomada da palavra em condições de igualdade, possibilitando que todas e todos manifestassem a sua opinião e tomassem posição sem receio de errar. Ao vestirem a pele de uma personagem, as pessoas sentiram o poder de dizer tudo aquilo que queriam e de construir livremente soluções adequadas às necessidades de conciliação das mulheres e dos homens desta comunidade.

### Testemunho/Reflexão

Para a mim a oficina do poder foi um método muito criativo e acessível, para abordar assuntos mais complicados e delicados. Tornou-se uma dinâmica viciante, pois quando dei por mim já estava de tal forma envolvida na questão, que acabei por encarnar o papel que me foi atribuído, vivendo o problema como se fosse realmente meu.

Quanto à aprendizagem que adquiri nesta oficina, devo dizer que veio reforçar ainda mais a noção que eu tinha acerca das dificuldades de conciliação entre a vida familiar e profissional, pois são situações com as quais eu lido quase diariamente, tanto na minha profissão, como no meio onde vivo.

*Ana Luísa Mendes*

### *Workshops para mulheres* *“Eu sou uma cidadã!”*

Partindo de narração de histórias de vida, através de conversas sobre experiências de conciliação e de participação cívico-política com oito convidadas com vasta experiência de participação na vida cívico-política a nível local, regional e nacional, o ciclo de *workshops* para mulheres “Eu sou uma cidadã!” pretendia que as mulheres presentes – jovens e adultas, sem e com emprego e com uma participação pouca expressiva ou inexistente – ganhassem consciência

das competências necessárias para conciliarem uma participação cívica com as restantes esferas da sua vida: profissional, pessoal e/ou familiar. Desta forma, pretendia também capacitá-las para a mudança e motivá-las para o empoderamento pessoal através da partilha de exemplos de participação.

### Workshop 1

Museu de Artes Decorativas, Viana do Castelo,  
2 de março  
Rosa Arezes  
Deputada do Grupo Parlamentar do PSD  
Dora Brandão  
Presidente do Departamento Federativo das Mulheres Socialistas de Viana do Castelo

### Workshop 2

Escola Sede do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, 5 de março  
Catarina Martins  
Coordenadora do Bloco de Esquerda/Deputada  
Cristina Jaques  
Presidente da Junta de Freguesia de Alvarães, Viana do Castelo

### Workshop 3

Centro de Formação Profissional de Viana do Castelo, 8 de março  
Ana Margarida Silva  
Vereadora dos Recursos Humanos, Saúde, Solidariedade Social, Voluntariado e Serviços Urbanos na Câmara Municipal de Viana do Castelo  
Ilda Figueiredo  
Presidente do Conselho Português para a Paz e Cooperação

### Workshop 4

Escola Sede do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, 22 de março  
Flora Silva  
Presidente da Assembleia Municipal de Viana do Castelo  
Maria do Carmo Bica  
Vereadora independente eleita pelo PS na Câmara Municipal de Vouzela



A seleção das 109 participantes foi feita em parceria com várias entidades parceiras que colaboraram neste Projeto. Por adaptação à população e/ou beneficiárias dos serviços das entidades parceiras, houve dois tipos de *workshop*: um constituído por um **pequeno grupo de trabalho** com mulheres com as características do público-alvo da atividade; e outro constituído por uma **grande audiência** de mulheres, contrariamente ao previsto, sem emprego ou sem responsabilidades familiares.

Na **primeira tipologia** participaram 21 mulheres. No *workshop* 1 participaram 15 mulheres, com emprego, entre os 15 e os 50 anos, com ensino secundário ou superior. No *workshop* 4, participaram 6 mulheres, trabalhadoras por conta de outrem, na faixa etária dos 31 aos 50 anos e com habilitações desde o 2º ciclo até ao ensino secundário.

Na **segunda tipologia** participaram 88 mulheres. No *workshop* 2, participaram 44 mulheres maioritariamente estudantes, na faixa etária dos 15 aos 30 anos e com o 3º ciclo da escolaridade obrigatória. No *workshop* 3, participaram 44 mulheres, na faixa etária dos 31 aos 50 anos, com o 3º ciclo de habilitações literárias e desempregadas de longa duração – à procura de novo emprego há 12 ou mais meses.

Todos os *workshops* contaram com duas convidadas e uma facilitadora e tiveram a duração de 3 horas. Após uma breve apresentação, a facilitadora foi conversando alternadamente com as convidadas, colocando questões que explorassem o trajeto pessoal, as motivações, a entrada na participação cívico-política, as dificuldades sentidas, os obstáculos e impedimentos, as oportunidades e as gratificações, a gestão da conciliação entre esferas de vida, o acesso à informação e as redes de contactos, o acesso e a participação nos processos de tomada de decisão, a igualdade de oportunidades e as ações positivas, nomeadamente, as quotas de participação com base no sexo.

### Teto de vidro

Barreira invisível resultante de uma série complexa de estruturas em organizações dominadas por homens que impede as mulheres de obterem cargos importantes.

## Quotas

Proporção ou fatia definida de lugares, postos ou recursos a atribuir a um grupo específico, geralmente segundo determinadas normas ou critérios, com a qual se pretende corrigir um desequilíbrio anterior, habitualmente em postos de tomada de decisão ou no acesso a oportunidades de formação ou emprego.

Tentou-se conversar sobre percursos de vida que são percursos de aprendizagem, com o objetivo de ultrapassar fronteiras e descobrir novos horizontes, tanto interiormente como exteriormente<sup>18</sup>.

O desafio consistiu na apreensão da experiência pessoal e social das mulheres e na sua transformação em formas de agir credíveis, ou seja, na promoção do empoderamento das mulheres das freguesias rurais – e também urbanas – de Viana do Castelo.

<sup>18</sup> KONING, Marijke, MÚRIAS, Cláudia, RIBEIRO, Raquel, CARVALHO, Alexandra & LOPES, Liliana (2012). *Lideranças Partilhadas. Caderno de Trabalho: propostas de literacia para a igualdade de género e a qualidade de vida*. Lisboa: Fundação Cuidar o Futuro, p.16.

## Testemunho/Reflexão

Porque participei no workshop “Eu sou uma cidadã!”? Participei com muito interesse neste workshop. Foi bom partilhar experiências e expectativas. Saí mais rica. Permitiu-me, sobretudo, reforçar a minha convicção de que ainda há muitos “Caminhos de Igualdade” a percorrer. Ser mulher e cidadã, ter participação cívica e política ao mesmo tempo que se é mãe, filha e se mantém uma relação conjugal devia ser uma situação normal, que dependesse essencialmente da vontade da própria. Porém, ainda não é assim no nosso país. Para muitas mulheres, muito especialmente para as que vivem em regiões rurais do interior, trata-se de um ato de coragem e até de algum heroísmo.

De facto, ser mulher e cidadã implica assumir ruturas com uma cultura patriarcal fortemente enraizada, ter independência económica que lhe permita sustentabilidade para as suas opções e dispor de um conjunto de serviços públicos de apoio à família, nomeadamente à infância e aos idosos, de qualidade e fácil acesso.

Face às dificuldades objetivas que as mulheres enfrentam, agravadas pela crise associada a uma ideologia neoliberal, que tem provocado baixa de salários, aumento do desemprego, aumento do trabalho sem direitos, encerramento de serviços públicos e destruição do Estado Social, são cada vez mais as que se sentem obrigadas a trocar o direito de serem mães e de constituírem família por uma carreira profissional ou pela participação cívica e política.

Seremos todas mulheres cidadãs quando tivermos igualdade de oportunidades no acesso ao trabalho com direitos, salários iguais aos homens para trabalho igual, direito efetivo à proteção na maternidade e confiança no futuro coletivo do nosso país.

Caminhar pela igualdade é, antes de mais, defender um novo modelo económico e social que nos permita assumir as nossas diferenças com direitos iguais.

Foi esta experiência pessoal que procurei transmitir no workshop “Eu sou uma cidadã!”. Cada mulher saberá percorrer da melhor forma o seu caminho, mas o que o futuro hoje nos exige é que sejamos mulheres e cidadãs.

*Maria do Carmo Bica*

## Balanço de competências das mulheres

No final de cada *workshop*, solicitou-se a cada mulher, através de um questionário de autopreenchimento, que identificasse as competências que considerava importantes para a participação cívico-política e fizesse um pequeno balanço das suas competências, indicando as competências que considerava ter desenvolvido no seu percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a (sua) participação cívico-política.

A metodologia do balanço de competências surge como uma metodologia ativa para trabalhar com o indivíduo, através da reflexão sobre a evolução pessoal e profissional, desenvolvendo um processo de auto-análise num confronto constante com as oportunidades e constrangimentos inerentes ao facto de este ser um sujeito em situação<sup>19</sup>.

### Competências apresentadas

Foram apresentadas 32 competências pessoais divididas em quatro grupos<sup>20</sup> (8 competências de gestão, 6 competências de cooperação, 7 competências de comunicação, 11 competências relacionais) e agrupadas da seguinte maneira:

#### Competências de gestão

Planear atividades; Reunir informações; Organizar informações e documentos; Analisar situações ou informações; Estimar custos e receitas; Analisar orçamentos; Interpretar quadros, gráficos ou tabelas; Organizar atividades, projetos e ideias.

#### Competências de cooperação

Negociar metas e objetivos; Coordenar ou dirigir pessoas; Promover aprendizagens mútuas; Dinamizar um grupo; Delegar tarefas e responsabilidades; Gerir ou adequar o tempo às atividades planeadas.

<sup>19</sup> INFORMAR LOCAL – PARCERIA DE DESENVOLVIMENTO (2006). *Balanço de Competências em Projetos de Rede Aprendente*. Santa Maria da Feira: ADReDV – Agência de Desenvolvimento Regional de Entre Douro e Vouga.

<sup>20</sup> Instrumento construído pela equipa do projeto com base nos instrumentos concebidos por Carlos Ribeiro e Florinda Coelho da Associação Nacional de Oficinas de Projetos (ANOP) para o projeto Informar Local.

## **Competências de comunicação**

Organizar sessões de debate e de divulgação; Falar em público; Expor/apresentar planos, ideias ou atividades; Promover acontecimentos ou atividades; Solicitar informações ou esclarecimentos; Acolher pessoas; Redigir textos/cartas.

## **Competências relacionais**

Agir como mediadora/intermediária entre pessoas; Motivar pessoas ou grupos; Trabalhar em equipa; Lidar com situações formais; Persistir na busca de soluções; Promover soluções convergentes; Tomar e apresentar decisões; Iniciar e erguer projetos; Adaptar-se a situações imprevistas; Compreender o ponto de vista da outra pessoa; Resistir a críticas.

Na elaboração deste instrumento houve o cuidado de cumprir com critérios de exaustividade, adequação e pertinência relativamente ao conteúdo e ao objetivo desta tarefa, ou seja, foram selecionadas todas as competências que nos pareceram poder estar relacionadas com a participação cívico-política e que poderiam ser assinaladas pelas convidadas.

## **Competências importantes na participação cívico-política**

Das competências apresentadas, 10 competências foram indicadas com mais frequência como importantes para a participação cívico-política pelas mulheres:

**Competências de gestão:** Planear atividades; Analisar situações ou informações; Organizar atividades, projetos e ideias.

**Competências de comunicação:** Organizar sessões de debate e de divulgação; Falar em público.

**Competências relacionais:** Trabalhar em equipa; Iniciar e erguer projetos; Adaptar-se a situações imprevistas; Compreender o ponto de vista da outra pessoa; Resistir a críticas.

## Competências desenvolvidas no percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a (sua) participação cívico-política

Das competências apresentadas, 10 competências foram indicadas com mais frequência como desenvolvidas pelas mulheres no seu percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a sua participação cívico-política:

**Competências de gestão:** Reunir informações; Organizar informações e documentos.

**Competências de cooperação:** Delegar tarefas e responsabilidades; Gerir ou adequar o tempo às atividades planeadas.

**Competências de comunicação:** Falar em público; Expor/apresentar planos, ideias ou atividades; Redigir textos/cartas.

**Competências relacionais:** Motivar pessoas ou grupos; Trabalhar em equipa; Compreender o ponto de vista da outra pessoa.

### Em jeito de reflexão...

Ao entender-se o conceito de competência como elemento de integração dos saberes pessoais, não só adquiridos em contextos não-formais de ensino-aprendizagem, como a participação cívico-política, mas também em contextos informais de vida potenciadores de aprendizagens, como a vivência familiar, pretendia-se, ao sensibilizar para a *transversalização das competências*, empoderar as mulheres para combater a reprodução acrítica de estereótipos e papéis de género, que tendem a limitar a construção das trajetórias de vida das mulheres.

Observando que das 10 competências destacadas pelas mulheres como presentes nos exemplos de participação cívico-política partilhados, três, nomeadamente, **Falar em público**, **Trabalhar em equipa** e **Compreender o ponto de vista da outra pessoa** foram também destacadas pelas mulheres como desenvolvidas no seu percurso de vida, parece-nos que as participantes saíram dos *workshops* conscientes de que as suas dificuldades de conciliação de uma participação cívica com as restantes esferas da sua vida (profissional, pessoal e/ou familiar) não se justifica por ausência ou escassez de competências pessoais.

Resta-nos desejar que lhes seja possível “continuar com os processos de reflexão-ação no dia a dia, acomodando práticas e saberes, no sentido da melhoria da capacitação para a ação”<sup>21</sup>, para a mudança e para o empoderamento das mulheres.

### **Empoderamento**

Empoderamento das mulheres significa o desenvolvimento das suas capacidades para coletiva e individualmente controlarem as suas vidas, identificarem as suas necessidades, estabelecerem as suas próprias agendas e solicitarem apoio e respostas do Estado e da comunidade aos seus interesses.

### **Workshops para homens** **“Eu faço tarefas domésticas!”**

Foram promovidos *workshops* participativos de desenvolvimento de competências para homens, designados por “Eu faço tarefas domésticas!”. Contando com a presença de homens com experiência de conciliação entre esferas de vida, estes *workshops* consistiram em momentos de conversa e de partilha de histórias de participação na esfera privada, ou seja, os convidados partilharam junto de jovens e homens adultos algumas reflexões e práticas sobre a sua experiência de conciliação entre as esferas profissional e pessoal de vida.

#### **Workshop 1**

Escola Sede do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima, 28 de maio

Armando Triunfante

Docente do Ensino Superior

Filipe Martins

Antropólogo, Docente do Ensino Superior

<sup>21</sup> RIBEIRO, Raquel & MÚRIAS, Cláudia (2012). Das motivações às apreciações: Aprendizagens pela conversa na literacia para a igualdade de género, qualidade de vida e lideranças partilhadas (p. 320). In Cláudia Múrias e Marijke de Koning (coords.) *Lideranças partilhadas. Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 297-321). Porto: Fundação Cuidar o Futuro & Livpsic.

**Workshop 2**

Casa dos Rapazes de Viana do Castelo, 28 de maio  
 José Gonçalves  
 Advogado/Jurista

**Workshop 3**

Centro de Formação Profissional de Viana do Castelo, 30 de maio  
 Bruno Leitão  
 Coordenador executivo do Projeto “Geraz com Querença”  
 Miguel Franco  
 Docente do Ensino Secundário

**Workshop 4**

Associação Desportiva, Cultural e Social de Subportela, 13 de junho  
 Bruno Malheiro  
 Assistente Editorial

**Workshop 5**

Associação Juvenil de Deão, 27 de julho  
 Joaquim Marques de Oliveira  
 Professor do 1º Ciclo

**Workshop 6**

Associação Juvenil de Deão,  
 27 de julho  
 Filipe Caçador  
 Professor do 1º Ciclo



A seleção dos 59 participantes foi feita para dar resposta às solicitações das entidades parceiras que colaboraram neste Projeto. Assim, foi necessário adaptar os *workshops* à população e/ou beneficiários dos serviços destas entidades ou à própria organização interna das associações. Com a presença de homens com as características do público-alvo da atividade – com pouca ou nenhuma participação na esfera doméstica –, os *workshops* foram constituídos por **pequenos grupos de trabalho**, caracterizando-se em três tipologias, de acordo com diferentes situações face ao emprego dos participantes: **jovens estudantes, homens desempregados e homens reformados**.

Na **primeira tipologia**, participaram 30 jovens estudantes. No 1º *workshop*, participaram 11 jovens estudantes que se encontram na faixa etária dos 15 aos 30 anos, com o 3º ciclo como habilitações literárias. No 2º *workshop*, participaram 8 jovens estudantes, entre os 14 e os 30, com o 2º ciclo e o ensino secundário como habilitações. No 4º *workshop*, participaram 11 jovens estudantes, entre os 15 aos 30 anos, com o 3º ciclo e ensino secundário como habilitações.

Na **segunda tipologia**, no 3º *workshop*, participaram 13 homens, maioritariamente dos 15 aos 30 anos, desempregados e com o 3º ciclo.

Na **terceira tipologia**, participaram 16 homens. No 5º *workshop*, participaram 7 homens, maioritariamente com mais de 50 anos, com o 4º ano de escolaridade e reformados. No 6º *workshop*, participaram 9 homens, maioritariamente com mais de 50 anos, escolaridade até ao 3º ciclo, reformados e com emprego.

Dois dos *workshops* da primeira tipologia, contaram com dois convidados e uma facilitadora e tiveram a duração de 3 horas. Nestes *workshops*, após uma breve apresentação dos convidados, a facilitadora foi conversando alternadamente com cada um deles, colocando questões que explorassem o trajeto pessoal, as motivações, a vivência da afetividade, a gestão da conciliação entre esferas de vida, as dificuldades sentidas, as oportunidades e as gratificações, os obstáculos e impedimentos, a participação nos processos de tomada de decisão familiares, o uso da licença parental inicial, a crença nos estereótipos e os preconceitos de género, a igualdade de oportunidades e as ações positivas, nomeadamente, a licença parental inicial exclusiva do pai. Nos restantes *workshops*, a moderadora conversou com apenas um convidado acerca das mesmas questões durante hora e meia.

Mais uma vez, tentou-se conversar sobre percursos de vida que são percursos de aprendizagem, com o objetivo de ultrapassar fronteiras e descobrir novos horizontes, tanto interiormente como exteriormente<sup>22</sup>. De novo, o desafio consistiu na apreensão da experiência pessoal e social dos homens e na sua transformação em formas de agir credíveis, ou seja, na promoção do empoderamento dos homens e jovens rapazes das freguesias rurais de Viana do Castelo.

---

<sup>22</sup> KONING, Marijke, MÚRIAS, Cláudia, RIBEIRO, Raquel, CARVALHO, Alexandra & LOPES, Liliana (2012). *Lideranças Partilhadas. Caderno de Trabalho: propostas de literacia para a igualdade de género e a qualidade de vida*. Lisboa: Fundação Cuidar o Futuro, p.16.

## Testemunho/Reflexão

Percorrendo “Caminhos de Igualdade”, participei num workshop dedicado à reflexão e troca de experiências sobre vivências familiares de partilha de tarefas domésticas e educacionais. Foi um tempo-espço intergeracional que permitiu, sem o peso da crítica, tornar audíveis atitudes e comportamentos que a cultura masculina raramente torna socialmente visíveis e que podem testemunhar algumas práticas de entreaajuda entre marido e mulher no que respeita ao desenvolvimento das tarefas domésticas quotidianas e à assistência e educação dos filhos.

Foi também um tempo-espço de revisitação de tempos de emigração para França e da divisão social do trabalho reconfigurada pela entrada das mulheres no mundo das tarefas remuneradas, exercendo-se como profissionais, e do confronto com comportamentos culturais de emancipação e do esforço da prática de igualdade de oportunidades entre sexos. Tudo isto mediado pelo permanente contraponto reflexivo sobre o atraso do Portugal da época no que respeita ao papel de homens e mulheres na sociedade. Durante algum tempo, o cheiro a mofo do Portugal salazarista e marcelista serviu de base para a justificação de atitudes e comportamentos neste âmbito.

Nos saltos dados para a vivência ao longo dos quarenta anos de construção democrática e particularmente para as experiências de vida em curso, na atualidade, foi reconhecida a influência de ambos os padrões culturais em causa. No caso da influência gaulesa e de outras paragens europeias mais ocidentalizadas, a génese e a substância de uma educação e uma prática familiar cada vez mais democrática em termos de divisão de tarefas e de educação dos filhos; no que respeita à influência dos tempos da ditadura fascista a marca ainda obstaculizadora, porque latente em múltiplas circunstâncias da vida social e das instituições, da generalização de modos de vida mais igualitários entre homens e mulheres.

Neste percurso – agora afirmado com o orgulho que nasce do facto de já ser socialmente aceite e imprescindível que homens e mulheres dividam tarefas na sua vivência a dois e, deste modo, sem se correr o risco de ser alvo de epítetos menos favoráveis à masculinidade com tanto esforço consolidada ao longo de décadas – foi possível descortinar relações surpreendentemente pró-igualitárias em vários casos e faixas etárias. Reconheceu-se, no entanto, que a igualdade entre homens e mulheres no seio da família e da sociedade é um processo em construção que precisa de mais e fortes impulsos que projetos como aquele em que nos integramos podem proporcionar.

*Joaquim Marques de Oliveira*

## Balanco de competências dos homens

No final de cada *workshop*, solicitou-se a cada homem, através de um questionário de autoperenchimento, que identificasse as competências que considerava importantes para a participação na esfera privada e fizesse um pequeno balanço das suas competências, indicando as competências que considerava ter desenvolvido no seu percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a (sua) participação na esfera privada.

### Competências apresentadas

Foram apresentadas 31 competências pessoais divididas em quatro grupos<sup>23</sup> (8 competências de gestão, 6 competências de cooperação, 7 competências de comunicação, 10 competências relacionais) e agrupadas da seguinte maneira:

#### Competências de gestão

Ser persistente; Ser autónomo; Organizar informações e documentos; Analisar situações; Estimar custos e receitas; Organizar atividades, projetos e ideias; Avaliar espaços físicos (salas, jardins, etc.); Conservar locais (salas, equipamentos, etc.).

#### Competências de cooperação

Negociar; Escutar os/as outros/as; Promover aprendizagens mútuas; Saber aprender; Delegar tarefas e responsabilidades; Gerir ou adequar o tempo às atividades planeadas.

#### Competências de comunicação

Expor/apresentar planos, ideias ou atividades; Promover acontecimentos ou atividades; Solicitar informações ou esclarecimentos; Acolher pessoas; Redigir textos/cartas; Iniciar ou participar em diálogos; Ler para os/as outros/as.

---

<sup>23</sup> Instrumento construído pela equipa do projeto com base nos instrumentos concebidos por Carlos Ribeiro e Flórida Coelho da Associação Nacional de Oficinas de Projetos (ANOP) para o projeto Informar Local.

## **Competências relacionais**

Agir como mediador/intermediário entre pessoas; Motivar pessoas; Trabalhar em grupo; Lidar com situações formais; Promover soluções convergentes; Tomar e apresentar decisões; Iniciar e erguer projetos; Adaptar-se a situações imprevistas; Compreender o ponto de vista da outra pessoa; Resistir a críticas.

Mais uma vez, na elaboração deste instrumento houve o cuidado de cumprir com critérios de exaustividade, adequação e pertinência relativamente ao conteúdo e ao objetivo desta tarefa, ou seja, foram selecionadas todas as competências que nos pareceram poder estar relacionadas com a participação na esfera privada e que poderiam ser assinaladas pelos convidados.

## **Competências importantes na participação na esfera privada**

Das competências apresentadas, 10 competências foram indicadas com mais frequência como importantes para a participação na esfera privada pelos homens:

**Competências de gestão:** Ser persistente; Ser autónomo; Analisar situações.

**Competências de cooperação:** Escutar os/as outros/as; Promover aprendizagens mútuas; Delegar tarefas e responsabilidades.

**Competências de comunicação:** Expor/apresentar planos, ideias ou atividades.

**Competências relacionais:** Motivar pessoas; Trabalhar em grupo; Compreender o ponto de vista da outra pessoa.

## **Competências desenvolvidas no percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a (sua) participação na esfera privada**

Das competências apresentadas, 13 competências foram indicadas com mais frequência (sendo que as 5 últimas foram em *ex aequo*) como desenvolvidas pelos homens no seu percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a sua participação na esfera privada:

**Competências de gestão:** Organizar informações e documentos; Estimar custos e receitas; Organizar atividades, projetos e ideias.

**Competências de cooperação:** Escutar os/as outros/as; Saber aprender; Gerir ou adequar o tempo às atividades planeadas.

**Competências de comunicação:** Promover acontecimentos ou atividades; Solicitar informações ou esclarecimentos; Iniciar ou participar em diálogos.

**Competências relacionais:** Tomar e apresentar decisões; Iniciar e erguer projetos; Adaptar-se a situações imprevistas; Compreender o ponto de vista da outra pessoa.

### Em jeito de reflexão...

Mais uma vez, ao se entender o conceito de competência como elemento de integração dos saberes pessoais, não só adquiridos em contextos não-formais de ensino-aprendizagem, mas também em contextos informais de vida, pretendia-se, ao sensibilizar para a *transversalização das competências*, empoderar os homens para combater a reprodução acrítica de estereótipos e papéis de género, que tendem a limitar a construção das suas trajetórias de vida.

Observando que das 10 competências por eles destacadas como presentes nos exemplos de participação na esfera privada partilhados, estes homens consideram ter desenvolvido a competência **Escutar os/as outros/as**, para além de terem destacado 13 competências pessoais desenvolvidas no seu percurso ou experiência de vida e que poderiam facilitar a sua participação na esfera privada, parece-nos que os participantes saíram dos *workshops* conscientes da sua eficaz preparação para participar na esfera privada.

# Histórias de mulheres: valorizando o saber narrativo

---

Os Serões Intergeneracionais foram organizados no intuito de captar o impacto das mudanças geracionais ocorridas ao longo do último século, nas representações sociais de género e nas práticas quotidianas de mulheres de freguesias rurais.

Na certeza de que o saber narrativo robustece valores e atitudes e de que a conversa é um meio poderoso para detetar e objetivar sistemas de crenças conflituantes, propusemo-nos a conversar sobre percursos de vida que são percursos de aprendizagem, com o objetivo de ultrapassar fronteiras e descobrir novos horizontes<sup>24</sup>.

## Serões Intergeneracionais

Estes serões consistiram em momentos de conversa e de partilha de histórias de vida entre 38 mulheres (17 avós e 21 netas), historicamente situadas em diferentes contextos económico-sociais, mas em semelhantes contextos familiares. O tamanho dos grupos variou entre 4 e 9 elementos e as conversas duraram aproximadamente 3 horas.

### Quem são estas avós?

- ❖ A escolaridade das avós varia entre o 3º ano de escolaridade (2 mulheres) e o bacharelato/licenciatura (2 mulheres), sendo

---

<sup>24</sup> KONING, Marijke, MÚRIAS, Cláudia, RIBEIRO, Raquel, CARVALHO, Alexandra & LOPES, Liliana (2012). *Lideranças Partilhadas. Caderno de Trabalho: propostas de literacia para a igualdade de género e a qualidade de vida*. Lisboa: Fundação Cuidar o Futuro, p.16.

que a maioria possui o 4º ano de escolaridade – escolaridade básica (12 mulheres) e apenas 1 obteve o 9º ano de escolaridade durante o tempo em que esteve emigrada.

- ❖ A maior parte das avós é casada (12 mulheres), sendo as restantes viúvas (3) ou divorciadas (2).
- ❖ São domésticas (4) ou estão reformadas (13), salientando-se que, quando no ativo, a atividade profissional destas mulheres se distribuiu entre pequeno-agricultoras (4), pequeno-comerciantes e restauração (3), empregadas fabris (2), 1 auxiliar de ação médica, 1 enfermeira, 1 bancária, 1 empregada doméstica.

### Quem são estas netas?

- ❖ A escolaridade das netas varia entre o 3.º ciclo do ensino básico/ensino secundário (9 jovens) e o ensino superior (7 licenciaturas, 3 pós-graduações/mestrado), sendo que apenas 2 obtiveram o ensino obrigatório ao seu tempo (6º e 9º ano de escolaridade).
- ❖ 3 netas encontram-se desempregadas (1 professora, 1 educadora de infância, 1 operadora logística), 2 são auxiliares de ação educativa, 1 cozinheira, 1 operadora de hipermercado, 1 psicóloga, 1 contabilista e 1 técnica de informática. Salienta-se que 11 netas ainda são estudantes.
- ❖ A maior parte das netas é solteira (14 jovens), sendo as restantes 7 casadas ou vivendo em união de facto.

Os Serões Intergeneracionais contaram com a presença de uma facilitadora que foi conversando alternadamente com cada uma das participantes, colocando questões que explorassem o seu trajeto pessoal. Através da conversa e da partilha de histórias de vida, procurou-se mobilizar um fundo infinito de contos, lendas e tradições – que se foi renovando constantemente na medida em que as pessoas se revezaram ao longo do tempo no exercício da palavra<sup>25</sup> – para

<sup>25</sup> DUFOR, Dany-Robert (1996). Les sujets de l'éducation. In Bouchard, Pascal. *La question du Sujet*. Paris: L'Harmattan, p. 32.

que na problematização das particularidades destas histórias de vida, se pudesse construir um saber narrativo que detetasse mitos e crenças conflitantes e/ou salientasse formas de pensar e agir comuns, nomeadamente, os estereótipos e papéis de género dominantes. Apresenta-se de seguida, através de alguns excertos das transcrições dos serões, os discursos, ancorados nas práticas sociais e nos estereótipos e papéis de género, e partilhados entre as duas gerações.

## Os estereótipos e a educação das avós

### A domesticidade da mulher e a dificuldade em estudar...

Segundo as narrativas das avós, o estereótipo da domesticidade, bem como as dificuldades económicas das famílias, dificultavam o acesso e a permanência das mulheres na escola. Por outro lado, encontrou-se uma escola punitiva, não promotora de aprendizagens e realização pessoal:

*“A escola normal era a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª classe e a admissão [...] Quando fui para o Porto tinha 10 anos. E então acontece que essa minha tia, que aliás fez-me muito bem, ensinou-me a fazer de tudo, a fazer renda, a limpezas, portanto eu é que fazia... eu era uma criada autêntica, limpava a casa, fazia tudo e depois no fim ela tinha uma lojinha de coisas p’ra escola... papelaria... ensinou-me a apanhar meias, apanhar malhas nas meias, eu então atendia os fregueses, apanhava as malhas lá nas meias e à noite ia p’ra casa, p’ra ajudar a minha tia a fazer o jantar e aquelas coisas assim, normais. Eu achava normal, mas sentia-me indignada porque eu quando fui para lá era para continuar os estudos. [...] Tive na costura até aos 17 anos, aos 17 anos entregou-me no hospital de Santo António e inscreveu-me para tirar o curso. Mas só podia tirar o curso, com 18 anos. Portanto, estive de empregada em quartos até fazer os 18 anos, depois comecei o curso, tirei o curso,...”*

*“Mas depois também tinha a minha mãe que precisava muito de mim, e pedia às professoras para me dispensarem da escola para ir com ela para o campo, para ir para aqui, para ali, no trabalho, as professoras naquela altura dispensavam-me... tinha mais horas de andar a trabalhar do que de escola. Eu depois na escola, as professoras nesse tempo também eram más, batiam mais do que aquilo que ensinavam, e*

*tínhamos medo. Então é que não aprendia nada, com o medo que tinha delas. Batiam muito naquele tempo.”*

### **A virgindade, a submissão e o duplo padrão da sexualidade...**

O duplo padrão da sexualidade, com a norma social da virgindade e submissão feminina, constituiu uma limitação para a vivência da sexualidade e o usufruto de direitos sexuais e reprodutivos das avós:

*“[...] Naquele tempo não podia ser! Nós éramos três filhas, três irmãs e dois rapazes e o meu pai dizia assim “se vocês fizerem do casamento como fez a vossa mãe, faço-vos tudo” – como fez. “Se vocês me envergonharem a vossa mãe faz aqui uma sopa de feijão miúdo...” – envergonharem era ter relações em antes de casar.”*

*“Tive moças com 16 anos e 17 que vinham ter comigo, conversavam e eu dizia-lhe “olha e a tua mãe sabe disto, sabe daquilo? “Não!” Então, deves falar com ela. Adiante, as mães vinham com elas ao médico e não sabiam sequer se a filha já era menstruada ou não era menstruada. Então você não falou com a sua filha? “Não, disse à mais velha p’ra falar com ela!” Mas você é que tem que falar com ela, é que tem de a chamar, porque se acontecer alguma coisa você é a responsável. “Ai, não me diga isso!”*

*“E eu queria um casamento pela Igreja, porque se eu me quisesse juntar, eu podia-me ter juntado com um francês com uma boa situação, mas eu não queria. Eu queria um casamento verdadeiro, na Igreja. Nunca estive junta com ninguém, nunca me juntei com ele.”*

*“Atendi muita gente em todo o sentido da palavra, mulheres casadas que não conseguiam realizar o seu ato sexual, sentiam-se frias... Assim como aquelas que eram maltratadas pelo marido e então discutiam “ah, porque ele fez-me isto, fez-me assim, fez-me assado, e serviu-se de mim desta maneira, e serviu-se de mim daquela maneira”, oh filha! Porque era o caso de chegarem bêbedos a casa... e eu quero, estivesse como estivesse, nem que estivesse menstruada. E se não queriam ainda apanhavam.”*

### Direitos reprodutivos

Direito de qualquer indivíduo ou casal de decidir livre e responsabilmente o número de filhos/as que deseja ter, quando e com que intervalo, assim como o direito de dispor da informação e meios para tal e de atingir o nível mais elevado da saúde sexual e reprodutiva.

## Os papéis sociais das avós e a conciliação entre esferas de vida

### As dificuldades profissionais...

A domesticidade das mulheres não impediu que as avós, por motivos de sobrevivência económica, tivessem mantido uma intensa atividade profissional, repleta de dificuldades e obstáculos:

*“Eu cheguei a fazer pensos em que atravessava o quinteiro, onde estava o porco, galinhas e as próprias vacas saíam por ali [...] Passei muito, porque isto ‘tava muito atrasado [...] O meu primeiro centro de saúde, trabalhei com um médico de Ponte de Lima, que era na casa da... [...]. Havia um quartinho pequenino onde eu fervia as seringas, mas tinha que ter cuidado onde punha os pés porque havia buracos, o chão era de madeira e eu tinha que ter cuidado onde punha os pés.”*

*“Sou filha de uma mulher solteira e estava com a minha mãe e os meus avós e ‘tive a criar a minha menina até uma certa idade até que a fome era tanta que um dia pensei... vou p’ra França que aqui morro de fome. [...] Nos primeiros tempos que trabalhei, tinha 4 crianças, já estava em Targus, empreguei-me nuns senhores que tinham uma leitaria [...] eu falar não sabia, mas já compreendia, apanhei-me com os papéis e disse vou à minha família. Já soube dizer em francês que queria vir a Portugal. Porque agora fala-se muito francês, mas naquela altura nunca tinha visto uma palavra francesa. Não se ouvia. E disse “Vou a Portugal!”, mas num vim nada, já tinha outro patrão p’ra ir.”*

## As dificuldades de conciliação entre esferas de vida...

A ligação dos estereótipos femininos aos papéis sociais de gênero permitiu sobrecarregar as avós com a dupla tarefa dos cuidados familiares. As avós não partilharam a conciliação entre esferas de vida com os seus companheiros ou maridos. Por vezes, quando emigradas, a conciliação familiar implicou a ausência das crianças, pelo seu retorno a Portugal:

*“O meu marido era soldador, e eu era empregada de limpeza, andava numa casa, andava noutra e... mas trabalhei muito e gostava [...] Levava-a para o infantário, deixava-a no infantário e eu seguia para o meu trabalho e depois o meu trabalho acabava à hora e ia buscá-la, e dava para chegar à casa, tinha uma cestinha atrás na bicicleta e punha-a na cestinha e chegava a casa na cestinha. E tinha que fazer, tinha que ter o comer para o meio-dia, porque o meu marido saía ao meio dia e a miúda depois às 2 horas tinha escola outra vez e eu às 2 horas tinha que começar o trabalho e o meu marido tinha que começar mais cedo. O meu marido estava melhor do que eu porque só atravessava a estrada.”*

*“Entretanto tive 2 filhos... Quando a minha filha tinha 6 anos, pensamos em virem para cá para ir para a escola, então vieram os 2 para cá, o meu filho tinha 3 anos e meio e a minha filha tinha 6 e vieram para cá, para a escola, olhe nem lhe digo nem lhe conto, foi tão duro a partir daí. Porque eu cada vez que ia para França, vínhamos cá... mas quando ia daqui p’ra França era muito duro, deixar os meninos e ir embora... mas a minha mãe também não queria ficar sozinha, depois eles estavam aqui na escola, onde eles foram crescendo e quiseram ficar aqui.”*

## Os estereótipos e a educação das netas

### A domesticidade da mulher e a dificuldade em estudar...

Segundo as narrativas das netas, o acesso à escolaridade obrigatória não constituiu um problema, porém o estereótipo da domesticidade limitou a permanência das mulheres na escola para além dessa obrigatoriedade. Por outro lado, a escola não conseguiu motivar as jovens raparigas, que muitas vezes, preferiam ingressar no mercado de trabalho, promotor de aprendizagem e realização pessoal:

*“Estou a estudar neste momento em Vila Real, 3º ano da licenciatura ciência alimentar; vamos e vimos de carro, facilita mais a viagem, não temos aqueles horários obrigatórios, chegamos mais rápido e depois também é verdade ter carro na universidade é luxo, podemos dizer que sim, mas é bom. Não temos que andar com malas, não temos que andar a correr atrás dos transportes, não temos que ir a pé, sozinhas p’ra casa de noite.”*

*“Eu completei o secundário, depois não quis estudar mais, não que não tivesse oportunidade para isso, os meus pais deram-me essa oportunidade, mas eu não quis e entrei no mercado de trabalho. Tinha 20 anos, fazia 20 anos na altura.”*

### **A delicadeza das netas e as relações de namoro...**

Apesar da revolução comportamental sexual, que alterou por completo as relações de namoro, o estereótipo da docilidade, submissão ou delicadeza feminina constituiu uma limitação para a iniciativa da vivência plena da sexualidade, livre de medos e culpabilizações, e o usufruto de direitos sexuais e reprodutivos por parte das netas:

*“Ou porque são nossos colegas de escola, ou porque nos inserimos em algum grupo, ou no trabalho, na universidade... as relações acabam por se fazer, não é? Vai-se a uma festa de amigos e acaba-se por se conhecer alguém, conhecer-se o amigo do amigo... Acaba sempre por haver alguma ligação, haver sempre algum porquê de se ter conhecido aquela pessoa, nunca é por acaso.”*

*“O meu marido encontrei-o na festa, ele encontrou-me a mim! Eu não queria nada com ele, mas ele todos os dias estava à porta e eu nada e a minha irmã, eu vivia com a minha irmã nessa altura, “oh rapariga! O moço já está há uma hora à tua espera, vai ao menos falar com ele”. Não vou! E ele no outro dia já estava lá outra vez... tanto insistiu, tanto insistiu, pronto! Deu em casamento! Namorei pouco tempo, casei muito novinha!. Se calhar casei porque também era uma menina. Porque se calhar não pensei que o casamento era assim tão importante. O meu marido, “oh podíamos casar que assim vivíamos juntos e num sei quê, num sei que mais...” e pronto... era uma coisa normal! Uma pessoa ilude-se e pronto casamos.”*

*“Para além de ser um amigo, é um namorado. Beijinho, não temos problemas em dar. No meu caso foi, foi ele também que veio ter comigo. Acho que esse padrão... aliás, ainda se mantém.”*

*“Olho assim para essas meninas tão novinhas. Primeiro, não parecem ter a idade que têm, aparentam ser muito mais velhas. Já são mais atiradiças, por assim dizer, já não há tanto aquela coisa de que o rapaz é que vai atrás... são mais liberais.”*

## **Os papéis sociais das netas e a conciliação entre esferas de vida**

### **As dificuldades profissionais...**

A igualdade de direitos conquistados possibilitou a manutenção de uma intensa atividade profissional das netas, com acesso a formação profissional, num mercado de trabalho cada vez mais exigente, precário e competitivo:

*“Entretanto, ... abriram os concursos e eu candidatei-me, nunca pensei que conseguisse entrar, o concurso saiu, eu candidatei-me e consegui vaga. [...] Andei a contrato durante 3 anos. Entretanto, a gente só a partir dos 3 anos é que consegue entrar no quadro. Depois na altura, eu não tinha formação nenhuma na área, tive que me dedicar a fazer muita formação pós-laboral. Porque há uns anos havia formação em horário laboral, mas agora, ultimamente não, é tudo pós-laboral...”*

*“Eles, neste momento, não estão a admitir ninguém. Nós temos que fazer de tudo. [...] Temos que ser polivalentes. Eu sou sincera, eu para as caixas não consigo. É preciso ter uma pequena formação... com dinheiro, fazer certas coisas. Mas já fui para a padaria embalar pão, já fui para a zona dos frescos limpar câmaras e tudo, quando eles têm lá a higiene e segurança no trabalho. E tenho ido para vários lados e gosto, eu já disse nós estamos lá é para trabalhar.”*

## As dificuldades de conciliação entre esferas de vida...

A ligação dos estereótipos femininos aos papéis sociais de género impossibilitou que as netas se conseguissem libertar da sobrecarga da dupla tarefa dos cuidados familiares. Apesar da partilha das tarefas domésticas e parentais, a conciliação entre esferas de vida continuou a ser feita maioritariamente pelas netas, com o apoio de familiares, incluindo os seus companheiros ou maridos:

*“Fui trabalhar para uma clínica, tive lá durante 6 anos. Entretanto, estava casada, nasceu a minha filha, ... o problema de eu deixar aquilo entretanto, depois eu acabei por me demitir, não dava, porque o horário de trabalho [...] e eu tinha hora de entrada e não tinha hora de saída. Quando eram 10h, 11h da noite ainda lá estava. O que vale é que a minha filha fica com uma minha tia, e ela era bebé, eram 10, 11h da noite ainda eu vinha, já ela estava a dormir, muitas vezes ficava lá de noite, e eu não a chegava a ver. O pai também trabalha fora, a bem dizer, ela nem estava com a mãe, nem estava com o pai [...] porque eu recebia o ordenado mínimo, nada mais. Mas quem precisa acaba por sujeitar-se mais um bocado, não é? Entretanto cheguei a um ponto que disse não, isto não é vida. E vim-me embora, tinha perspectiva de arranjar trabalho logo assim fácil, mas não foi fácil...”*

*“Tenho os meus tios que... por exemplo, vou para a escola, a minha filha fica no centro paroquial, vem no transporte para a escola. Está na escola durante o dia, tem dias que é o tio que a vem buscar, por causa dos horários, não tem transporte para ir para casa, e tem outros dias que vai no transporte para a casa da tia até eu chegar. Nos dias que ela tem academia, na semana que eu saio às 4 da tarde, nós temos semanas rotativas, eu tenho uma semana que entro às 8 e saio às 4 e tenho outra semana que entro às 10 e só largo às 6. Na semana que eu saio às 4, sou eu que a levo para a academia. Na semana que eu saio às 6 é o meu tio que vai com ela. Se eu não tivesse este apoio também não conseguia-lhe dar...”*

*“A filha agora já está na universidade e o rapaz já tem 14 anos. Mas ela muitas vezes vai trabalhar e deixa o miúdo com a irmã. É complicado [...] antigamente não, elas mesmo grávidas e iam trabalhar de noite, porque eu isso ainda me lembro. [...] Mas é o que ela diz, a minha irmã não é*

*minha criada. E realmente é verdade. Mas eles agora já facilitam mais um bocadinho.”*

*“A minha madrinha também trabalha, pega às 7 sai às 11.30, ao meio-dia o meu padrinho vem para almoçar, já tem que ter o almoço feito, depois ela também de tarde faz umas horas em Viana, depois às 6 da tarde já tem que pegar outra vez, sai às 8 da noite, e é isto. Mas pronto, a minha tia vai fazendo as coisas e eu ajudo. Passar a ferro, pôr a máquina a lavar, arrumo a casa quando estou em casa, as minhas folgas são sempre rotativas também.”*

### **Em jeito de reflexão...**

Ao problematizar-se as particularidades das histórias de vida, encontrou-se formas de pensar e agir comuns: os estereótipos e papéis de género dominantes, que podem manter o *status quo* e impossibilitar formas mais críticas de pensar e agir, podendo pôr em causa o empoderamento das mulheres.

Desta forma, se se verificou que houve uma revolução na vivência da sexualidade destas duas gerações de mulheres, o estereótipo de delicadeza, docilidade, submissão ou gentileza feminina continua a ditar as expetativas comportamentais das mulheres, logo, continua a influenciar os papéis sociais da maternidade e domesticidade, acabando por constituir um obstáculo significativo a uma negociação entre homens e mulheres que permita a construção de um contrato social de género mais igualitário, mantendo assim as condições sociais e simbólicas que reproduzem a assimetria entre homens e mulheres na família e no mercado de trabalho.

# Sensibilizando a comunidade local para a Igualdade de Género

---

A Campanha de Sensibilização teve uma dimensão local, regional e nacional e teve como principal objetivo sensibilizar as associações parceiras e a comunidade em geral para a perspetiva da igualdade de género, nomeadamente, ao nível da conciliação entre a vida profissional, familiar e pessoal. Pretendeu-se envolver as entidades parceiras, bem como as pessoas participantes nos eventos, na definição ou operacionalização desta atividade (por exemplo, exposições, *workshops*, mural da igualdade, sessões de cinema, etc.).

A Campanha de Sensibilização ganhou visibilidade nos media locais e nacionais, nomeadamente, com a divulgação da Exposição Itinerante do Concurso de Fotografia que captou a participação de variadas pessoas, profissionais e amantes da fotografia, pondo a igualdade de género na ordem do dia.

## *Campanha de Sensibilização*

Tendo sido prevista para ocorrer entre outubro de 2011 e outubro de 2012, iniciando-se com uma caminhada e tendo um encontro ou seminário sobre igualdade como evento final, esta atividade prolongou-se no tempo e incorporou diversos eventos não previstos inicialmente, que decorreram do envolvimento e iniciativa das entidades parceiras.

## Caminhadas e Magusto

Para assinalar o início da Campanha de Sensibilização, foi realizada uma caminhada, no dia 23 de outubro de 2011, em colaboração com as associações parceiras do Projeto e a Câmara Municipal de Viana do Castelo. Abraçando os princípios do Projeto, nesta atividade, os homens e as mulheres que participaram sabiam que caminhavam por uma sociedade mais justa, solidária e paritária. No início, foi feita uma breve apresentação do Projeto e do objetivo desta campanha, nomeadamente, da caminhada, sensibilizando para a igualdade.



No dia 7 de outubro de 2012, foi promovida outra caminhada, em colaboração com a Associação Desportiva e Cultural de Santa Maria de Geraz do Lima, a Junta de freguesia de Deão, a Junta de Freguesia de Santa Maria de Geraz do Lima, o departamento de desporto da Câmara Municipal de Viana do Castelo e as Quintas Vinhateiras das Terras de Geraz do Lima. Denominada “Quintas de Igualdade”, esta caminhada teve a participação de 24 homens e 56 mulheres, que ao longo do percurso, além de provarem os diferentes vinhos das quintas por onde passaram, conversaram sobre o “O papel do Homem e da Mulher nas Vindimas”, nomeadamente, nas zonas rurais de Viana do Castelo.

Com a colaboração da Associação Cultural e Recreativa de Deocriste, associámos o Dia de São Martinho à temática da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Este magusto realizou-se com animação de atividades sobre a igualdade de género, a construção de um mural pela igualdade, pinturas de t-shirts e pinturas faciais. De castanha na mão, 13 mulheres, 7 homens e 8 crianças refletiram sobre a temática e partilharam tarefas.

## Comemorações do Dia pela Igualdade – 24 de outubro

### Encontro/Seminário

Em 2012, o Dia pela Igualdade foi comemorado em parceria com o Agrupamento de Escolas de Arga e Lima. As comemorações aconteceram na Escola EB 2,3/S de Lanheses, ao longo do dia, e ficaram marcadas por dois eventos promotores de reflexão e debate sobre a igualdade de género junto dos/as estudantes.

No corredor da escola, percorrido pela comunidade escolar em diferentes instantes do dia, foi dinamizado um mural e estiveram disponíveis várias t-shirts para que os/as estudantes dessem corpo à expressão de conceitos e ideias sobre a igualdade. A curiosidade foi-se instalando nos olhares dos/as alunos/as enquanto iam passando, permitindo o questionamento sobre a temática através da frase com a definição do princípio da igualdade de género, patente numa lona, no local. As frases, palavras, desenhos e símbolos foram surgindo, evidenciando as opiniões, sentimentos e emoções acerca desta problemática. Esta atividade contou com a participação de 45 raparigas e 16 rapazes.

A meio da tarde, decorreu no auditório da escola, um encontro de sensibilização com a participação de duas turmas do 12º ano (12 alunos e 30 alunas) e duas turmas do 5º ano de escolaridade, acompanhadas pelo respetivo corpo docente (3 mulheres e 4 homens). O programa consistiu na apresentação do Projeto “Caminhos de Igualdade” – enquanto forma de mobilização da comunidade escolar para as atividades do projeto – e num enquadramento histórico aos feminismos e à perspetiva da igualdade de género através da comunicação “Ser Homem, Ser Mulher, Hoje: Por uma questão de cidadania e igualdade”. Esta introdução serviu de base para que o debate/reflexão entre os/as alunos/as, professores/as e moderadores/as fosse mais profundo e claro.

### Atividades de educação não-formal na Ludoteca/Escola Comunitária da AJD

Em 2013, o Dia pela Igualdade foi comemorado na Ludoteca/Escola Comunitária da AJD, com a dinamização de várias atividades de educação não-formal com crianças e jovens que habitualmente frequentam o espaço. Um dos momentos mais significativos do dia ocorreu quando foi solicitado a 15 crianças, num momento de *brainstorming*, para escreverem ou desenharem num painel o que consideravam ser a igualdade. Seguidamente, foi-lhes dado observar diferentes

imagens representativas de situações de igualdade na nossa sociedade, que serviu de mote a várias conversas sobre situações quotidianas de igualdade e/ou desigualdade. No final, a aprendizagem foi relatada num grande mural. Também a temática do reforço dos estereótipos e papéis sociais de género pelo uso de uma linguagem discriminatória foi alvo de reflexão pelos 5 elementos mais velhos do grupo, nomeadamente 2 jovens rapazes e 3 jovens raparigas.

### Testemunho/Reflexão

No dia 24 de outubro de 2013, festejámos o dia pela igualdade na ludoteca da AJD. Eu e os meus amigos fizemos muitas atividades. Primeiro vimos algumas imagens sobre as diferentes formas de igualdade. Por exemplo, vimos uma imagem que mostrava duas pessoas idosas e aprendemos que não é por termos mais idade que não podemos fazer coisas de pessoas mais novas. Vimos também uma imagem de uma menina que estava a brincar com camiões e um menino com bonecas. Não é por ser menina ou menino que não podemos trocar os brinquedos. E também não é por ser de outras raças que não temos os mesmos direitos. Depois de vermos as imagens, escrevemos em papel cenário o que ouvimos e o que pensamos sobre a igualdade. No fim de tudo fomos lanchar coisas boas. Nesta tarde, aprendi o que era a igualdade e a respeitar as diferenças das pessoas.

*Lara Oliveira*

## Concurso de Fotografia Nacional “Caminhos de Igualdade” e Exposição Itinerante



1º prémio: “Nem sombra de desigualdade”  
Ana Filipa Scarpa, Azeitão

Em conferência de imprensa, a AJD lançou o **Concurso de Fotografia Nacional “Caminhos de Igualdade”**. Concorreram fotógrafos/as amadores/as ou profissionais, cidadãos/ãs residentes em Portugal, independentemente da sua nacionalidade, com idade igual ou superior a 16 anos. Cada concorrente podia apresentar no máximo 3 fotografias. Este concurso

nacional teve como embaixador André Boto, Fotógrafo Europeu do Ano 2010 pela FEP – Federação Europeia de Fotógrafos Profissionais e Master Qualified European Photographer, e decorreu entre 30/11/2012 e 6/01/2013. O júri foi composto pelo embaixador, por Ana Margarida Silva, Vereadora do Pelouro da Solidariedade Social da Câmara Municipal de Viana de Castelo, por Félix Iglesias Llano, Fotógrafo Profissional, representante da Associação de Fotógrafos Profissionais de Portugal, por Cláudia Múrias e Joaquina Mendes, da AJD. Concorreram 31 participantes (8 mulheres e 23 homens), com um total de 73 imagens. Do total de participantes, 17 são do centro, 11 do norte, 2 do sul e 1 das ilhas.



2º prémio: “Mulher do Mar”  
João Coutinho, Rio de Mouro

aborda a pesca como uma profissão dominada pelo homem durante largos anos, mas onde atualmente a mulher encontra espaço, nesta área, e tem a possibilidade de conhecer a beleza que envolve esta atividade.



3º prémio: “Quero lavar meu corpo de preconceitos – 2”

Rebecca Leal Moradalizadeh, Santo Tirso

O primeiro prémio foi entregue a Ana Filipa Scarpa, de Azeitão, pelo trabalho intitulado “*Nem sombra de desigualdade*”, em que retrata um casal de uma região rural, que toda a vida trabalhou em conjunto sem distinção de tarefas, nem horários.

A “*Mulher do Mar*”, de João Coutinho, de Rio de Mouro, foi atribuído o segundo lugar, numa fotografia que

O trabalho sobre o “preconceito”, intitulado “*Quero lavar meu corpo de preconceitos – 2*”, da autora Rebecca Leal Moradalizadeh, de Santo Tirso, foi classificado em terceiro lugar. Foram ainda atribuídas duas menções honrosas: a “*Nem quero ver*”, de Jorge Gonçalves Silva, de Carcavelos, com uma foto que faz recordar as desigualdades entre as atrizes famosas, com todo o seu *glamour* e poder económico, e

os sem-abrigo que vivem e dormem na rua; e a “*Espelho Ausente*”, de Sérgio Orlando Tomás Medina, de Cantanhede, com uma foto cujas personagens trocam de tarefa rotineira e lembram que tanto para a diferença como para a igualdade o caminho terá de se fazer sempre com um sentimento comum que é o amor.



*Menções honrosas*

A exposição foi pensada para ser colocada no chão. Composta por 30 imagens, impressas em três lonas, com a dimensão de 8 a 10 metros por 80 centímetros, cada uma, esta exposição prima por debater a problemática da igualdade de género. Várias fotografias evidenciam momentos de igualdade em diversas situações profissionais, familiares e pessoais. Outras ainda denunciam práticas menos corretas numa atitude de denúncia e apelo preventivo.

Esta exposição esteve patente nas freguesias rurais da área de intervenção do Projeto, assim como em outros locais do distrito de Viana do Castelo e do país, indo ao encontro das solicitações das parcerias anteriormente estabelecidas e respondendo também às pertenças institucionais que a AJD incorpora.

### **Freguesias rurais de Viana do Castelo**

- Feira da Tradição (Projeto Geraz com Querença) – Largo da Igreja, Deão
- Inauguração das instalações da Associação Juvenil de Deão
- Largo da Igreja, Moreira de Geraz do Lima

- Sede da Associação Desportiva Cultural e Social de Subportela
- Largo da Gândara, Santa Maria de Geraz do Lima
- Feira do Milenário – Largo da Igreja, Santa Leocádia de Geraz do Lima
- “Semana de Verão” – Adro da Igreja, Vila Franca do Lima
- Projeto “Energia Positiva” – Largo das Neves, Vila de Punhe

### **Cidade e distrito de Viana do Castelo**

- Parte Pedonal da Rua da Bandeira, Viana do Castelo
- Diffequal – All Different but Equal in Europe, na Escola Secundária de Santa Maria Maior, Viana do Castelo
- 39º Aniversário – Comemorações Populares do 25 de Abril, Rua Manuel Espregueira, Viana do Castelo
- Inauguração do Centro Cultural de Viana do Castelo
- XXIII Semana Cultural do Agrupamento de Escolas de Arga e Lima
- RUARTE – Festival de Teatro de Rua | Mercado das Artes, Ponte Medieval de Ponte de Lima
- Seminário Internacional “Igualdade de Género nas Organizações” – Auditório do Centro de Apoio às Empresas da Zona Industrial de Vila Nova de Cerveira

### **Porto**

- 6º EMAX – Encontro e Mostra Associativa/Portugal e Galiza, Centro de Congressos da Alfândega do Porto

## Alentejo

- Dia + IGUAL, Escola Secundária de Aljustrel
- Praça da Resistência, Aljustrel
- DIAS + IGUAIS, Escola Secundária de Castro Verde
- Jardim do Parque Infantil, Castro Verde
- Jardim Sousa Prado, Odemira



Fotografias de Ana Filipa Scarpa, Azeitão (esquerda) e João Pereira, Lisboa (direita)

## Divulgação nos *media*

A Campanha de Sensibilização teve um grande impacto junto da comunicação social, quer a nível local, quer regional e nacional. As notícias começaram a surgir nos órgãos locais com a Caminhada pela Igualdade e com a Caminhada “Quintas de Igualdade”, nomeadamente em 2 jornais e 2 rádios locais. Também a comemoração do Dia pela Igualdade, a 24 de outubro de 2012, foi alvo de notícia em 2 jornais locais/regionais e 1 rádio local.

Contudo, foi o concurso de fotografia “Caminhos de Igualdade” e Exposição de Rua Itinerante que trouxeram uma maior visibilidade ao Projeto. Foram variadas as formas como as notícias chegaram até às pessoas, através de notícias *on-line*, em jornais, nas rádios e até na televisão. Aproximadamente 12 *media* locais e

regionais difundiram o concurso, com 30 notícias disseminadas. A nível nacional, 18 órgãos de comunicação social divulgaram o concurso.

Destacamos que, por ocasião da inauguração da Exposição de Rua Itinerante, uma equipa de reportagem da RTP se deslocou a Viana do Castelo, para acompanhar os preparativos e um membro da equipa do projeto esteve à conversa com João Baião, no programa Praça da Alegria, em direto para milhões de espectadores/as, no dia 18 de janeiro de 2013.

Para além da divulgação feita na comunicação social, aproximadamente 13 instituições públicas e privadas, assim como 7 entidades ligadas à fotografia, divulgaram nas suas páginas da *internet* este concurso.

## **Participação em encontros e eventos temáticos**

O projeto marcou presença através de um *stand* sobre igualdade de género em alguns encontros e mostras associativas. Estas iniciativas visam constituir um espaço aberto de reflexão e troca de experiências, no intuito da consolidação da consciência e identidade de pertença ao movimento associativo, sendo pertinente afirmar a igualdade, neste contexto, de festa, encontro e celebração.

Assim, levámos a igualdade a quatro “Feiras de Sabores e Eventos Temáticos”, promovidas pelo Projeto Geraz com Querença, realizadas em 4 freguesias rurais de Viana do Castelo (Deão, Moreira de Geraz do Lima, Santa Maria de Geraz do Lima e Santa Leocádia de Geraz do Lima); ao 12º ENAJ – Encontro Nacional de Associações Juvenis, que decorreu em Braga, em novembro de 2012; ao 6º EMAX – Encontro e Mostra Associativa – Portugal e Galiza e ao 2º FIXE 2013 – Fórum Inovação Juventude e Empreendedorismo, que decorrerem, em simultâneo, no Porto, em abril de 2013. Nestes momentos, para além da divulgação do Projeto, sensibilizou-se para a igualdade através de pequenas conversas sobre situações de igualdade/desigualdade evidentes no território.

## Comunicações em conferências, seminários e congressos

Houve a oportunidade de apresentar comunicações livres sobre várias atividades desenvolvidas no Projeto, como forma de dar a conhecer o trabalho realizado e resultados das ações:

- ❖ Conferência “A Igualdade de Género em Tempos de Crise” – Universidade do Minho, apresentada comunicação no painel “Narrativas de experiências de *mainstreaming* de género no Desenvolvimento Local” (abril 2012);
- ❖ VIIª Conferência Internacional Culturas Ibéricas e Eslavas em Contacto e Comparação – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apresentada a comunicação científica “Serões Intergeneracionais: construindo narrativas de género a partir de experiências de vida de mulheres rurais do norte de Portugal” (maio de 2013);
- ❖ Seminário temático “Igualdade de Género e Não Discriminação” – Centro de Exposições de Odivelas, apresentada a comunicação “Experiência e boas práticas: conciliação entre a vida pessoal, familiar e profissional” (maio de 2013);
- ❖ Ciclo de Comunicações Livres do III Mosaico Social & IX MANIFesta – Santa Maria da Feira, apresentada a comunicação “Caminhos de Igualdade: desenvolvendo as freguesias rurais de Viana do Castelo” (junho de 2013);
- ❖ 2º Congresso Internacional sobre Condições de Trabalho – CICOT 2013 – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresentada a comunicação científica “Experiências de conciliação: conversas entre ruralidade e cultura organizacional” (setembro de 2013).

## **Seminário Final**

Com o título de “Caminhos de Igualdade”, o seminário final deste Projeto serviu para apresentar os resultados das atividades, para a partilha de experiências entre as entidades parceiras, participantes e técnicos/as e perceber a importância deste Projeto na vida das pessoas, constatando-se ser um sentimento comum a necessidade de continuar a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, paritária e solidária. No final, houve um comentário avaliativo feito pelo representante da entidade avaliadora externa.

### **Em jeito de reflexão...**

Desde o seu início, traçamos caminhos para obter uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, no nosso território. Ao termos envolvido as entidades parceiras e a comunidade local nos processos de construção da Campanha de Sensibilização, consideramos que exponenciámos o seu contributo de forma ativa e eficaz no combate às desigualdades de género. Conduzir as populações na reflexão sobre as suas experiências, prioridades, problemas e desejos e permitir a elaboração de recomendações e sugestões para a melhor resolução, foi um percurso que traçamos.

Só desta forma, conseguimos que a campanha tivesse dinâmicas participativas que deram essência a uma cidadania plena e ativa, servindo para sensibilizar para a igualdade de género e divulgar e disseminar os efeitos do Projeto.



# Avaliando

---

É frequente, na avaliação de projetos, assistir-se a vários equívocos. Três dos mais comuns são os que se seguem.

A redução da avaliação a um processo de fiscalização e controle (amíude com a designação de “auditoria”), por parte e por conta da entidade a quem se deve prestar contas, é um deles e ocorre com muita frequência.

Outro consiste em ceder ao economicismo e ao quantitativismo que tem dominado as nossas sociedades, tudo querendo reduzir a números e indicadores quantitativos (e, normalmente, referentes a preocupações de eficiência, produtividade e eficácia técnica), mostrando-se, neste caso, a avaliação alheia, insensível e/ou incapaz de aferir e valorizar os aspectos e componentes qualitativos da realidade envolvida.

Um terceiro ainda refere-se à confusão que é feita, não raras vezes, entre execução e eficácia: valoriza-se o número de ações e de pessoas envolvidas (por exemplo, em formações, em atendimentos ou em atividades diversas), como se fossem esses os objetivos visados, quando podem ser apenas meios ou processos para atingir as verdadeiras finalidades (aumento de competências, empregos criados, mudança de mentalidades e de comportamentos, maior envolvimento das mulheres na vida pública, por exemplo).

Resistindo e recusando esses equívocos, no caso do Projeto “Caminhos de Igualdade”, procurou-se proceder a uma avaliação que:

- servisse para uma monitorização frequente do desenrolar do Projeto;

- permitisse, portanto, uma reflexão de aprendizagem, a partir das práticas e a sua correção, sempre que necessário (lógica de Investigação – Ação);

- valorizasse e assentasse essencialmente numa lógica de auto-avaliação, por parte dos/das participantes do Projeto, que assim se tornam os sujeitos principais da monitorização, da aprendizagem e da correção;

- privilegiasse uma abordagem multidimensional, procurando captar sete perspetivas de aferição da evolução do Projeto: a sua pertinência (ou adequação em face do diagnóstico realizado, ou seja, dos problemas que procurou resolver e das necessidades a responder), a sua coerência (ou capacidade de incorporar os princípios estratégicos e metodológicos e valores que lhe serviram de referência e inspiração), a sua execução (ou realização das ações, atividades e tarefas programadas), a sua eficiência (ou correta afetação dos recursos mobilizados), a sua eficácia (ou cumprimento dos objetivos e metas, quantitativas e qualitativas, em vista), impactos (ou efeitos estruturais e duradouros e indiretos que provocou) e a sua sustentabilidade (ou condições de garantia de continuidade), tentando, deste modo, ter em conta a própria dinâmica de planeamento, em cujas bases e pilares deve assentar a sua programação e funcionamento;

- mobilizasse um avaliador externo, não para “fiscalizar” ou “controlar” o Projeto, mas para **animar** o processo de auto-avaliação centrado nos/as técnicos/as e nos/as participantes.

Neste sentido, a avaliação traduziu-se em várias reuniões durante o tempo do Projeto, envolvendo, em momentos diferentes, o avaliador-animador, as responsáveis da Associação Juvenil de Deão, a técnica, a coordenadora, a consultora, o monitor e alguns/mas dos/as participantes. Implicou também a participação do avaliador-animador nalgumas das atividades do Projeto.

Das reflexões conjuntas assim proporcionadas, resultaram as aprendizagens e as análises que a seguir se sintetizam.

Em primeiro lugar, o Projeto revelou-se **muito pertinente**, dado que os problemas a que procurava responder (situações de desigualdade de oportunidades no que respeita ao género, ausência de preocupações neste domínio, fraca presença das mulheres no espaço público, pouco envolvimento dos homens nas tarefas da

vida doméstica) caracterizavam (e caracterizam), de forma notória e profunda, as sociedades locais. Aliás, apesar das sensibilizações e dos resultados obtidos pelo Projeto, há ainda um grande caminho a percorrer nesta área, revelando-se essencial continuar a promover e a desenvolver ações e dinâmicas do mesmo género.

O Projeto apresentou também uma **coerência elevada**, no que se refere à fidelidade aos seus princípios e valores estratégicos e metodológicos de referência: procurou seguir sempre uma lógica de **parceria**, assentar em dinâmicas **participativas** das pessoas e grupos envolvidos, adotar uma **visão integrada** das várias dimensões da vida das comunidades, suscitadas pelas questões de género, assumir o princípio da **flexibilidade** das ações, em função da evolução da realidade e das necessidades detetadas em cada momento, **innovar** nas respostas e nos processos e **territorializar** o Projeto, no sentido de o enraizar e adaptar às características das comunidades envolvidas.

**Executou** as ações programadas, com as adaptações necessárias, cumprindo, no essencial, o que fora planeado.

Utilizou corretamente os recursos decorrentes do financiamento obtido, juntando-lhe outros recursos próprios e da comunidade (trabalho voluntário, empenhamento das/os técnicas/os, para além do estritamente contratado, equipamentos, salas e materiais diversos), que não constam do orçamento nem da contabilidade do Projeto, revelando uma **eficiência elevada** na mobilização e afetação de todos estes recursos, que não está expressa nos valores financeiros e nos dossiês técnicos apresentados.

Os objetivos foram, no essencial, atingidos, sobretudo do ponto de vista qualitativo, em particular no que se refere à sensibilização para o tema, à mudança de alguns comportamentos e à criação de Planos de melhoria para a Igualdade de Género, pelo que se pode considerar que o Projeto foi **eficaz**, sem esquecer que continua a haver muito a fazer neste domínio, onde as mudanças têm de ser estruturais e, portanto, demoradas e persistentes.

Foram vários os **impactos** provocados pelo Projeto, sendo os mais notáveis os que se referem às aprendizagens da própria AJDeão, das suas responsáveis e da técnica envolvida, bem como de outros/as dirigentes de associações vizinhas, ao impulso provocado no trabalho inter-associações locais que o Projeto desencadeou, à criação de um Conselho Interassociativo para a

Igualdade e aos efeitos de “*empowerment*” que, nalgumas das participantes, se tornaram visíveis.

Quanto à **sustentabilidade** das dinâmicas criadas pelo Projeto, ela assenta, antes de mais, na assunção, pela AJDeão, da missão de dar continuidade a este tema e a esta abordagem, nas suas ações futuras e na sua ligação à comunidade, na criação do Conselho Interassociativo para a Igualdade e nas possibilidades de trabalho futuro que a relação e as pontes estabelecidas com a Câmara Municipal de Viana do Castelo abriram.

Em suma, o Projeto “Caminhos de Igualdade” cumpriu, no essencial, a sua missão, tendo sobretudo aberto as portas para novas dinâmicas e projetos que lhe dêem continuidade. A problemática da Igualdade de Género tem ainda muitos desafios a enfrentar, mas já foi iniciada nestes territórios e tal deve-se, também, à AJDeão, a quem se pode atribuir um trabalho pioneiro.

Refira-se ainda que o modelo de avaliação adotado permitiu ao avaliador-animador interagir com os/as atores envolvidos/as, tornando-se, de certa maneira, também um aprendiz e um participante do Projeto.

*Rogério Roque Amaro*



